

# Tribuna da Luta Operária

ANO IX nº 348 — 22 a 28 de fevereiro de 1988

Cz\$ 30,00

Caro Leitor:  
Mais uma vez a TO é obrigada a aumentar seu preço de capa, diante da espiral inflacionária que elevou todos os itens de produção. Esperamos contar com sua compreensão.

## POR QUE O GOVERNO ATACA A CONSTITUINTE?



O "Centrão" perdeu o fôlego. Não conseguiu, apesar do mais descarado fisiologismo, manter unidos tantos interesses particulares. Imediatamente Sarney e seu primeiro-ministro, Antônio Carlos Magalhães, alardearam o "império do crime" e a necessidade de "zerar" a Constituinte. A orquestra golpista no entanto não alcançou uma boa audiência. Sarney saiu ainda mais isolado. Pág. 3



EDITORIAL

### Pane no "centrão"

A denúncia vigorosa dos elementos do "centrão" em cada Estado funcionou. Envolvidos em mil desavenças em torno de interesses mesquinhos de grupos, desmoralizados pelo fisiologismo descarado dos que servem ao governo em troca de privilégios, esgotados pela inútil tentativa de garantir cinco anos a uma administração que já faliu e mal se agüenta, mesmo se o prazo for de quatro anos, e, acossados pela repulsa popular nas ruas, os direitistas não conseguiram manter a articulação. O "centrão" esvaizou.

O governo reagiu com truculência. O ministro Antônio Carlos chegou a propor dissolver a Constituinte. A Polícia Federal, diga-se de passagem, aproveitando a deixa de Ulysses Guimarães, que mandou apreender os cartazes com fotografias dos traidores do povo, invadiu sindicatos e a sede do PT. Os direitistas tacham de absurdo revelar aos eleitores o nome e a cara dos deputados que se elegeram falando em mudanças, e que votam contra o povo na elaboração da Carta Magna.

Mas, a desarticulação do "centrão" encerra ensinamentos de enorme validade para as forças progressistas. Por mais adversas que sejam as condições da batalha na Constituinte, não se justificava a atitude de alguns que, desesperançados, davam por perdidos os esforços, quando o "centrão" ameaçava levar de roldão todos os demais segmentos. Revelou-se justa a apreciação dos que tratavam de combater em níveis diferentes os diversos grupos que compunham a articulação comandada pela direita. Era errônea a visão sectária que via no "centrão" uma força homogênea. Numa conjuntura de dificuldades, quando o movimento popular ainda se encontra fragmentado por concepções corporativas muito arraigadas, seria miopia política imperdoável negar a possibilidade de acordos

com setores atrasados e vacilantes e colocar em todos o mesmo rótulo.

Também mostrou-se equivocado interpretar o avanço da direita como uma coisa sagrada e imutável. A realidade, principalmente nas condições de crise em acelerado agravamento, é muito dinâmica, e o que é verdade hoje, amanhã já pode ser falso. O que se apresenta como maioria avassaladora num momento, esfacela-se no dia seguinte.

De tudo isto ficam duas exigências prementes para os democratas e progressistas. Em primeiro lugar redobrar os esforços para estabelecer pontos de unidade, a mais ampla possível. Não se pode pensar em luta por uma Constituição moderna, diante de obstáculos tão grandes, se cada segmento coloca acima de tudo os seus próprios objetivos partidários de aparecer, crescer e projetar-se para futuras eleições.

Em segundo lugar, multiplicar a atividade junto às grandes massas trabalhadoras. Não só para executar a conduta perniciosos dos direitistas, mas para debater com o povo as questões maiores em pauta na Constituinte. E para incorporar camadas cada vez maiores na batalha política que aí se desenvolve. Somente com forte respaldo popular é possível obter conquistas significativas na nova Carta.

O fracasso do "centrão" não pode alimentar, por si só, a ilusão de vitórias fáceis. Seria ingenuidade que a direita, e o governo em particular — desesperado pelos cinco anos —, tenham se conformado com o insucesso. Não é impossível que novas tentativas de criar uma maioria a qualquer custo apareçam e tenham certos êxitos. O resultado da batalha só pode ser proclamado no fim dos trabalhos constituintes. Preparando-se para as diversas hipóteses, cada um deve se empenhar ao máximo na luta diária.



### Vida palestina sob o terror dos sionistas

Uma delegação de 14 médicos e três enfermeiras brasileiros ficou, entre os dias 25 de janeiro e 9 de fevereiro, nos territórios palestinos ocupados de Gaza e Cisjordânia. Lá atenderam às vítimas das barbáries dos soldados de Israel e testemunharam as atrocidades cometidas contra um povo que luta pela libertação. Pág. 2.

### Progressistas da CGT unidos para derrotar gang de Magri

Reunidas no Rio de Janeiro, 18 CGTs estaduais repudiam o banditismo do grupo de Magri e Medeiros e articulam as forças progressistas para derrotar a direita no sindicalismo brasileiro. Nova plenária nacional da CGT é convocada para 26 de março, em Brasília. Veja na página 6



Gisela abre o VII Seminário, o maior da história de Viração.

### Bukharin: criminoso ou herói?

A URSS de Gorbachev considera que os julgamentos de Bukharin, Rykov e outros 18 condenados por sabotagem ao socialismo e colaboração com os serviços secretos alemães foram forjados e que as provas foram obtidas ilegalmente. Veja as observações do embaixador americano Joseph Davies, que assistiu aos processos em Moscou, em 1938, e a luta interna que se travou no interior do PCUS, desde 1926, em torno do desenvolvimento da indústria socialista. E como a "reabilitação" destes e outros, que estão na lista de espera, se enquadram na perestroika. Pág. 8

### Viração: mais força após o VII Seminário em Maceió

"Quem pensou que a nossa tendência iria desanimar depois do último Congresso da UNE, caiu do cavalo. Ela esta mais forte e mais coesa do que nunca." Com estas palavras a estudante Gisela Mendonça, coordenadora nacional de Viração, abriu, diante de um público de 1.000 estudantes, o VII Seminário Nacional do Movimento, no início do mês, em Maceió. O Seminário contou com a presença de várias delegações estrangeiras, aprovou orientações novas e importantes para Viração. Veja na página 8

PALESTINOS

# Resistência à barbárie sionista

Estarrecida com as perversidades que presenciou, retornou ao Brasil a delegação de profissionais da área de saúde que foi à Cisjordânia e Gaza prestar solidariedade ao povo palestino. "Após duas semanas de esforço contínuo, de conhecer a realidade ali vivida, nos é difícil encontrar palavras para exprimir a indignação com que somos tomados ao presenciar a dimensão da agressão ao povo palestino, que suplanta em muito as atrocidades cometidas em todo o mundo, em diversos momentos da história da humanidade", afirma um relatório da delegação.

Foram 14 médicos e três enfermeiras que ficaram de 25 de janeiro a 9 de fevereiro convivendo com os palestinos. "Vimos todo o tipo de violência física contra crianças, gestantes e pessoas idosas. Nos campos, nos hospitais, vimos mulheres com até oito meses de gestação com hematomas em todo o corpo e principalmente no abdômen; outras, com o feto já morto por espancamento ou intoxicação por bombas de gás. Vimos crianças que foram baleadas na porta de suas próprias casas e tivemos retirada de nossas mãos, pelos soldados, quando percebemos que a população ia atacá-los. Os homens foram rapidamente desenterrados e salvos. Estavam absolutamente apavorados. Fomos à casa deles, e seus móveis, a TV, o rádio, tudo tinha sido moído pelos sionistas. A colheita de azeitonas, que haviam realizado foi destruída. As vidraças da casa, quebradas. Esse tipo de terror é feito indiscriminadamente, para que a população sintam-se insegura e abandone a região".

No seu relato, os profissionais de saúde destacam: "Vimos homens e mulheres de 60 e até 80 anos com braços fraturados e politraumatismos por agressões sofridas dentro de suas próprias casas. Constatamos em muitas dezenas de casas, famílias que tiveram seus filhos recentemente assassinados, o que contrasta com as cifras das agências de notícias de apenas 50 mortes em três meses".

"Nos hospitais", continuam os integrantes da delegação, "visitamos dezenas de jovens, idosos, paraplégicos ou tetraplégicos em consequência de tiros, principalmente, mas também por terem sido lança-

dos ao chão do alto de edifícios em construção ou, após serem espancados, jogados ao chão e esmagados por veículos militares.

## Palestinos são jogados do alto dos edifícios

Nas centenas de pacientes visitados em suas casas e nos hospitais, todos vítimas de violência militar, pudemos constatar a predileção do Exército de Israel de fraturar articulações, crânio e coluna vertebral, espancar e balar regiões genitais, caracterizando o interesse de tornar os palestinos inválidos ou inférteis".

Jamil Murad, diretor do Sindicato dos Médicos de São Paulo e um dos integrantes da delegação, conta que perto de Nablus, uma das principais cidades palestinas, "nós chegamos a uma casa que havia sido invadida momentos antes pelos sionistas. Seus moradores haviam sido enterrados vivos pelos soldados de Israel, mas a população conseguiu salvá-los. Três haviam sido totalmente enterrados, e um ficou apenas com a cabeça para fora da terra. Os soldados fugiram, quando perceberam que a população ia atacá-los. Os homens foram rapidamente desenterrados e salvos. Estavam absolutamente apavorados. Fomos à casa deles, e seus móveis, a TV, o rádio, tudo tinha sido moído pelos sionistas. A colheita de azeitonas, que haviam realizado foi destruída. As vidraças da casa, quebradas. Esse tipo de terror é feito indiscriminadamente, para que a população sintam-se insegura e abandone a região".

## Bombas de gás lançadas nas escolas primárias

Maria José Conceição, diretora do Sindicato dos Médicos do Distrito Federal, realizou visitas domiciliares no campo de refugiados de Maghazi. Ela conta: "Uma família dormia,



Os soldados de Israel perambulam pelas ruas fortemente armados e agredem indiscriminadamente a população para que os palestinos abandonem a região, segundo Jamil (foto menor)

quando os soldados invadiram sua casa. Forçaram todos os seus membros a se despirem e levaram o filho de 17 anos, após espancá-lo, para a prisão. Alguns dias depois, a avó conseguiu visitá-lo e o encontrou sem falar ou comer, pois havia fraturas de mandíbula, vomitava sangue, além de ter seus cabelos arrancados com a mão pelos soldados. Pelo momento, o jovem não tem chances de libertação. Visitamos outras famílias que relatavam mortes de parentes e espancamentos diversos".

Rejane Brajal, diretora da Associação Nacional dos Médicos Residentes, Fernando Vasconcelos, da Associação Baiana de Medicina, Sidnei e a enfermeira Fátima Ali conseguiram entrar clandestinamente na cidade de Nablus, que estava fechada pelo Exército sionista: "Entramos na cidade por uma ruela que os soldados não haviam fechado por não a conhecerem. Chegamos às 18 horas e nos deparamos com um quadro surpreendente: nas ruas não havia nenhuma pessoa ou carro; todas as janelas estavam fechadas e um helicóptero sobrevoava constantemente a cidade".

Os brasileiros foram a um hospital mantido por doações estrangeiras, "superlotados por pacientes que sofreram agressões das forças armadas. Toda nossa locomoção foi feita sob clima de tensão e com muita rapidez. Nessa noite — era 5 de fevereiro — nos foi relatado que as enfermeiras e demais funcionárias estavam trabalhando há cinco dias, sem descanso, porque nem mesmo funcionários e enfermeiras tinham permissão para circular nas ruas, tornando impossível a troca de plantão. Vimos a porta do hospital com seus vidros quebrados pelos soldados, quando da retirada de pacientes para a prisão".

Médicos e enfermeiras visitaram os campos próximos de Jerusalém: Amata, Kalandia e Galazon. "No campo de Amata, a escola estava fechada, pois há três dias os solda-

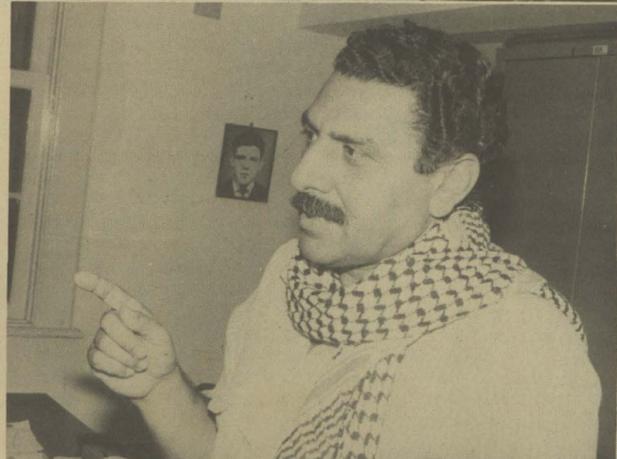


Foto: Aquinaldo Zordanoni

dos haviam jogado bombas de gás no prédio, obrigando as crianças a ficarem nas salas de aula. As que saíam, por não aguentarem o gás, eram espancadas pelos soldados. Vimos pichações dizendo: **Ficamos com fome, mas não curvamos nossas cabeças.** Dentre as visitas que fizemos, um dos casos mais impressionantes foi a de agressão a uma senhora de aproximadamente 70 anos, que teve sua mão esmagada por uma porta quando tentava defender um de seus netos das agressões dos soldados. No campo de Amari não conseguimos entrar, pois a entrada estava bloqueada por uma tropa de soldados fortemente armados".

## Visita clandestina de brasileiros na cidade de Nablus

Nas conversas com a população, "pudemos aprofundar o conhecimento da realidade palestina, onde são proibidos nas escolas primárias e secundárias o estudo de qualquer material que contenha história do povo palestino, assim como são proibidas atividades culturais, literárias e formação de grupos folclóricos palestinos. Assim, as crianças conhecem suas origens pelos ensinamentos dos pais e avós — aliás, quando nasce em campo de refugiado, a referência da naturalidade é a cidade natal dos pais", contam os integrantes da delegação.

"É importante salientar", continuam, "que nos campos de refugiados convivem palestinos de diferentes classes sociais e situação sócio-econômica. Tivemos oportunidade de

conhecer tanto médicos, quanto enfermeiros e advogados trabalhando como pescadores e outros tipos de atividades. Diante da situação que lhe é imposta, a população sobrevive de várias formas: de pesca, carpintaria, trabalhando em Gaza ou mesmo em Israel. Porém, mesmo para exercer estas atividades existem restrições. No caso da pesca, dos 48 km da costa marítima os pescadores têm permissão de navegar em apenas 27 km em extensão e a 18 km de distância da costa. Por outro lado, a pesca tem sido frequentemente suspensa por proibição das autoridades. Algumas famílias que visitamos estavam há sete semanas sem pescar. Observamos escrito nas paredes: 'Os israelenses querem a nossa terra, mas não querem nosso povo...'

Os brasileiros observaram que "os soldados procuram agredir os jovens do sexo masculino na região genital, procurando lesá-los definitivamente. Da mesma forma, são lançadas bombas de gás lacrimogêneo com efeito abortivo, atingindo as mulheres".

O governo de Israel não gostou da visita dos brasileiros. Logo ao desembarcar em Tel Aviv os integrantes da delegação que tinham nomes árabes foram detidos nos guichês do aeroporto. E de fato a Israel não interessa que os povos do mundo saibam o que se passa sob seus domínios: "Me surpreenderam as atrocidades, as irracionalidades que lembram os filmes sobre o tempo de Hitler. Aquilo é um centro de neo-nazismo. As barbaridades cometidas são muito superiores ao que é divulgado pela imprensa. Os sionistas agredem os palestinos abertamente — nas casas, diante dos familiares e dos vizinhos —, nada é camuflado. É uma política de Estado bestial", comenta Jamil Murad.

O sindicalista destaca o "aspecto gratificante de saber o enorme grau de consciência política, disposição e participação do povo palestino unido contra o ocupante. Crianças com 4 anos, adultos, idosos e particularmente os jovens, todos integrados na luta pela libertação. É impressionante como o povo está unido em torno da Organização para Libertação da Palestina. O sionismo é uma causa perdida. O povo palestino, com seu grande união e disposição de lutar, não tem outro destino senão a vitória".

## Trapaça de Stroessner

Para um processo eleitoral em que somente são permitidos os partidos comprometidos com a sustentação ao governo, os 92% de votos conseguidos pelo ditador Alfredo Stroessner nas últimas eleições para presidente do Paraguai são, no mínimo, suspeitos. A oposição, sistematicamente reprimida pelo Estado, marcou o seu protesto realizando manifestações em todo o país, pela primeira vez desde que Stroessner assumiu o poder, em 1954. Em Caraguatá, a 90 km a leste de Assunção, a capital, cerca de 200 civis armados invadiram uma igreja católica onde um grupo de opositores do Partido Liberal Radical Autêntico (PLRA), não reconhecido pelo governo, realizava uma manifestação pela abstenção nas eleições, e golpearam os manifestantes com pedaços de pau e cabos de aço. O presidente e o vice-presidente do PLRA, Domingo Laino e Juan Benítez Florentin, foram detidos quando se dirigiam à cidade de Caaguazú (190 km a leste de Assunção) para participar de um ato de protesto. E, em Assunção, em frente à catedral metropolitana, a oposição realizou ato denunciando as intimações oficiais para impedir o voto em branco entre várias outras irregularidades.

## Herança do ditador

Carmen Polo, viúva do ex-ditador Francisco Franco, da Espanha, deixou, ao falecer recentemente, uma herança calculada em 860 milhões de dólares. Além de inúmeras propriedades — palácios e fazendas —, obras de arte e jóias, durante sua longa permanência no poder os Franco adquiriram 50 empresas, entre as quais algumas do sistema financeiro, instaladas tanto na Espanha quanto no exterior.

## Eleições violentas

Pelo menos 72 pessoas morreram e 3.500 ficaram feridas em consequência de explosões de bombas e violentos conflitos de rua entre os candidatos das classes dominantes nas eleições de Bangladesh, marcadas por acusações de fraude. O governo cancelou as eleições em 400 dos aproximadamente 4.400 distritos eleitorais rurais do país. O presidente Hassain Mohammad Ershad não se pronunciou sobre o pleito — sua renúncia é pedida há três meses por uma aliança de 21 partidos de oposição.

## Matança nazista

Os restos mortais de mais de 10 mil prisioneiros de guerra italianos executados pelo Exército alemão durante a 2ª Guerra Mundial foram encontrados na cidade polonesa de Doblin. As vítimas da matança eram soldados que haviam se rendido em combate junto com os alemães na frente oriental, derrotados pelos soviéticos dirigidos por Stálin. A aliança entre italianos e alemães terminou com a derrota da Itália na guerra, em 1945.

## Punição na Argentina

O Exército argentino afastou de suas fileiras — por reforma compulsória e baixa forçada — dez oficiais (cinco tenentes-coronéis, dois maiores e três capitães) envolvidos na rebelião liderada em janeiro pelo tenente-coronel Aldo Rico. Esses oficiais, que se encontram presos em diversas guarnições do interior do país, foram considerados "inaptos para as funções de seu grau", segundo o porta-voz do Ministério da Defesa. Essa é a primeira medida concreta tomada pela cúpula militar argentina contra os oficiais de escalão médio que tentaram o enfrentamento com o governo na Semana Santa de 1987 e em janeiro deste ano. Continuam detidos outros 11 oficiais — entre eles Rico —, 40 oficiais de patente média e quatro suboficiais.

## A crise europeia

O crescimento econômico na Comunidade Européia, de 12 países, não deverá chegar a 2% este ano, enquanto a taxa de desemprego, de 11,5%, permanecerá "inaceitavelmente elevada", segundo estudo da Comissão Européia em Bruxelas. A comissão retirou meio ponto percentual da estimativa de crescimento para 1988, feita na previsão anual de 1987. De acordo com os estudos da entidade, a taxa de inflação na Comunidade Européia se mantinha perto dos 3% e abaixo dos 5% neste ano.



Os palestinos resistem aos invasores sionistas

## Tribuna Operária

Semanário Nacional

Faça já sua assinatura e ajude a imprensa operária que luta pela liberdade e pelo socialismo

Anual (52 edições) Cz\$ 3.000,00  
Anual popular (52 edições) Cz\$ 1.500,00  
Semestral (26 edições) Cz\$ 1.500,00  
Semestral popular (26 edições) Cz\$ 750,00  
Anual para o exterior (em dólares) US\$ 70

Nome: .....

Endereço: .....

Bairro: .....

Cidade: ..... CEP: .....

Estado: .....

Profissão: .....

Data: .....

Recorte este cupom e envie junto com cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda  
Rua Adoniran Barbosa, 53 — Bela Vista — S. Paulo  
CEP: .....



Prisões e agressões contra o povo, a única resposta de Israel

CONJUNTURA

# Governo pendurado na brocha

Véspera de carnaval, todo mundo ajeitando a fantasia. De repente, o sinal de alarme: caminhamos para uma "Carta inviável", é melhor "zerar tudo" e entregar a elaboração da Constituição a um "grupo de juristas". Era o sr. Antônio Carlos Magalhães — que, na prática, atua como 1º ministro do governo. No outro dia mais um grito de alerta: "será o caos, o império do crime". Desta vez era o próprio presidente da República acusando a Constituinte. Afinal, por que tanto barulho?

No fim do ano passado houve um alarido semelhante. Quando a Comissão de Sistematização dava forma ao texto constitucional, incorporando certas normas democráticas, sofreu um bombardeio cerrado. A se acreditar nas advertências do governo e das correntes conservadoras, caminhava-se para o precipício. O país estava ameaçado de se tornar inviável!

Mas, sob a batuta do grande empresariado, com um quartel geral instalado num hotel de cinco estrelas em Brasília, a articulação do "centrão" tomou forma e apresentou-se como tendência amplamente majoritária. Foi o que bastou para que a tormenta acalmasse. "Agora vai" diziam uns. Finalmente "prevaleceu o bom senso" ponderavam outros. O governo respirou fundo, sonhando novamente com os cinco anos.

A tal ponto Sarney imaginou ter assegurada uma base parlamentar com o "centrão", que se animou a mudar o ministério declarando que agora não se "atrelava" a nenhum compromisso partidário — no dia se-

guinte lá estava o sr. Mailson da Nóbrega, visitando a Fiesp, recebendo elogios de Delfim Netto, Roberto Campos, etc.

Entre gente dita de esquerda também correu a idéia de que a sorte estava selada. Entre o desespero e a aparência de grande combatividade, ouviram-se os já conhecidos: "eu não disse?" ou "lá não adianta perder tempo".

## A pressão teve eco no plenário

Mas felizmente a vida não é tão retilínea. O choque de interesses na sociedade não pode deixar de repercutir na Constituinte. Nas votações do regimento o bloco do "centrão" foi arrasador. Mas nas questões de conteúdo, as diferenças foram se acentuando. Aí, nunca esta articulação conseguiu em plenário os mágicos 280 votos. A tendência ao impasse se apresentou com força. O "centrão" sentiu a necessidade de ceder e negociar para não implodir. Neste rumo, passaram os artigos sobre o mandado de segurança coletivo e da norma de prisão só por ordem judicial ou flagrante.

Mas os atritos foram incontornáveis. Além das dificuldades próprias de aglutinar grupos tão diversos, com interesses particulares, a vigorosa denúncia dos traidores do povo que se espalhou por todos os Estados, colocou os direitistas em posição defensiva. Diante dos protestos, que colocavam em perigo suas bases eleitorais, os participantes do grupo trataram de se descomprometer em várias questões mais flagrantemente antipopulares e antinacionais. Ao menos de boca. De qualquer forma, foram se rompendo as amarras.

Resultado: os 61 que compunham anteriormente o chamado "centro democrático" — e que tinham sido absorvidos pelo "centrão" — declararam-se dispostos a reintegrar a bancada do PMDB e a fazer suas reivindicações dentro do partido. Por outros motivos, o grupo de 15 evangélicos, eleitos pelo PTB, também saem oficialmente do "centrão".

## ACM interpreta a nova conjuntura

Um dos fatores-chave que fizeram abortar o "centrão" foi sua vinculação com o Planalto. O próprio Daso Coimbra, um dos chefes do grupo, confessou que diversos constituintes votaram dispositivos que interessavam ao governo, a troco de favores. Mas a vida demonstra, cada dia com mais força, que nem o internamento em UTI pode dar a Sarney

mais de quatro anos no governo.

Em função desta mudança na correlação de forças é que se compreende a súbita ofensiva contra a Constituinte. Não existe nenhuma ameaça de império do crime e nenhuma argumentação que justifique desprezar as eleições de 1986, dissolver a Constituinte, e entregar ao sr. Antônio Carlos Magalhães a tarefa de forjar uma nova carta em conchavo com meia dúzia de juristas de aluguel. O governo se viu, mais uma vez, pendurado na brocha, como diz o povo, quando percebeu a impossibilidade do centrão impor sua vontade. No desatino de alcançar os cinco anos de qualquer forma, o Planalto recrudescer a campanha de desmoralização da Constituinte e trabalha no sentido de afrontar a normalidade constitucional.

A nova conjuntura não garante entretanto uma Constituição progressista. Em boa parte das questões fundamentais a tendência conservadora deve prevalecer. Inclusive no projeto aprovado na Sistematização, apesar de vitórias democráticas, o conteúdo é atrasado.

Antônio Carlos veio a São Paulo visando a uma nova investida da Fiesp para recuperar o "centrão". E vazou para o público, uma campanha de "apoio aos constituintes comprometidos com o empresariado", visando arrecadar 16 milhões de cruzados, distribuí-



ACM busca amparo na FIESP, mas o governo segue em baixa.

dos em 20 cotas de 800 mil, entre diversas organizações patronais. Ou seja, ao lado da gritaria, para intimidar, a direita trata de se rearticular. Só que agora, em piores condi-

ções pois as mais diversas forças políticas, inclusive setores conservadores de peso, repudiaram vigorosamente a pregação golpista e a afronta à Assembléia Constituinte.

CONSTITUINTE

## O "Centrão" perde a força

A semana que antecedeu o Carnaval foi marcada, nas votações da Assembléia Nacional Constituinte, pela primeira derrota significativa sofrida pelo "Centrão". Foram necessárias três votações consecutivas para que se conseguisse aprovar o texto do parágrafo relativo ao direito de propriedade. Nas duas primeiras, o "Centrão" radicalizou e fechou questão na aprovação de sua proposta que não estabelecia nenhuma vinculação entre o direito de propriedade e a função social, e previa como regra geral o pagamento das desapropriações em dinheiro. Na primeira votação não houve quorum para deliberação — 108 votaram não, 20 sim e 16 abstenções. Na segunda votação, também não houve quorum, com 196 votos não, 22 sim e 32 abstenções. Na terceira votação, os líderes do "Centrão" garantiam que conseguiriam aprovar o seu texto. Não conseguiram. O texto foi rejeitado por 248 votos contra, 236 a favor e 19 abstenções, criando, assim, o primeiro buraco negro da Constituição.

O resultado dessa votação trouxe algumas lições importantes e significativas. Em primeiro lugar, ele representou uma derrota de proporções do chamado "Centrão" exatamente numa das questões básicas para o grupo de direita, que é o direito de propriedade. Para os latifundiários e a grande burguesia, que são os verdadeiros ideólogos do "Centrão", essa era uma questão de princípio e decisiva para a manutenção de seus interesses.

Por isso mesmo, orientaram os líderes do "Centrão" para radicalizar, não fazer nenhum acordo e tentar aprovar a sua formulação direitista. Mesmo assim, não conseguiram reunir os votos necessários para a aprovação da matéria, forçando assim uma negociação.

Esse resultado, em matéria de tamanha importância para o "Centrão", revela que o grupo começa a se desintegrar, sofrendo dia a dia novas defecções. Nesse sentido, é significativo um documento subscrito por 66 assinaturas de centristas, rompendo publicamente com a liderança do "Centrão". Esse documento, mais a ação dos constituintes evangélicos e dos líderes do antigo Centro Democrático de Expedito Machado, que também começa a marcar sua independência em relação à orientação de extrema-direita da cúpula do "Centrão", mostra com nitidez que esse agrupamento pretensamente monolítico começa a desmoronar e dificilmente conseguirá impor à força suas posições retrógradas, entreguistas e reacionárias.

Depois dessa derrota, o "Centrão" viu-se obrigado a aceitar o novo texto proposto pelo relator Bernardo Cabral, que na verdade pouco diferia da proposta do "Centrão". O novo texto estabelecia que o direito de propriedade atenderá à sua função social e ao tratar das desapropriações manteve o preceito de pagamento prévio e em dinheiro, acrescentando a expressão "ressalvados os casos previstos nesta Constituição". Colocado em

votação, o texto foi aprovado por 446 votos contra 40, e 4 abstenções.

A aprovação desse texto negociado revela outro aspecto importante: a vacilação que tem marcado o comportamento da liderança do PMDB. Ao invés de forçar um desgaste ainda maior do "Centrão", a cúpula peemedebista, a começar pelo líder Mário Covas, tem adotado uma postura extremamente conciliadora, preferindo negociar com o "Centrão" do que partir para um enfrentamento. No caso do direito de propriedade, essa foi a tônica da liderança peemedebista, que chegou a negociar a aprovação de um texto muito semelhante ao do "Centrão". Isso só não vingou porque o líder do PFL, José Lourenço, realizou um movimento destruidor de ataque ao PMDB, acreditando que seu grupo poderia romper o acordo firmado com a liderança do partido majoritário e ainda reunir número suficiente para aprovar sozinho em plenário uma outra proposta.

Isso mostra que, de um lado, o "Centrão" só está disposto a negociar quando sente a derrota. Já a liderança do PMDB adota postura inversa e igualmente criticável. Prefere negociar por princípio, sempre abrindo mão das posições mais progressistas, para evitar um confronto com o "Centrão". Essa postura é uma demonstração de fraqueza política que pode dificultar a aprovação de propostas efetivamente avançadas para a nova Constituição. (Moacyr de Oliveira Filho, de Brasília)



O grupo direitista apostou e perdeu. E a derrota só não foi mais séria porque Covas vacilou

## A FIESP trama seu próprio golpe

Pelo menos num primeiro momento, o setor da direita vinculado aos grandes empresários recebeu com má vontade a sugestão do ministro Antonio Carlos Magalhães para zerar os trabalhos da Constituinte e entregar todo o trabalho de elaboração da nova Carta a uma "comissão de juristas". Ainda no dia em que a proposta foi formulada, o presidente da FIESP, Mário Amato, retrucou dizendo que no entender de sua entidade a Assembléia está "no bom caminho", e o jornal "Gazeta Mercantil" bateu nesse mesma tecla no dia 18, quando garantiu a seus leitores que eram "infundadas" as preocupações quanto a uma possível radicalização dos trabalhos constitucionais. Contraditoriamente, a proposta defendida pelo ministro das Comunicações partira do próprio Departamento Jurídico da FIESP.

Ao mesmo tempo em que criticava os planos golpistas do governo, o grande capi-

tal envolvia-se mais profundamente em uma outra armação, que consiste precisamente em *desgastar ainda mais* o esquema de sustentação de Sarney, por um lado, e, ao mesmo tempo, em lutar pela rápida *unificação* das forças conservadoras em torno de uma chapa única para a disputa da presidência.

É por isso que os grandes jornais passaram a dar tanto espaço às denúncias de corrupção dentro do governo, e que o "Estado de S. Paulo" divulgou com grande destaque declarações do senador Fernando Henrique Cardoso, que admitiu a possibilidade de destituição de Sarney pelo Senado, se ficar provado seu envolvimento no escândalo do Ministério da Administração.

É por isso também que têm se acelerado tanto, entre políticos ligados aos empresários, as movimentações para a escolha de um nome capaz de enfrentar eleições presidenciais com chances de vitória. Antônio Ermírio não desmentiu a

possibilidade de concorrer; Marco Maciel sugeriu a chapa Aureliano-Ermírio, e o "Estadão" falou em uma dobradinha entre o empresário e o governador Fernando Collor, de Alagoas.

A direita "moderna" luta para montar rapidamente uma chapa capaz de congregar um amplo espectro de setores conservadores. Se este objetivo for atingido, ela procurará demolir imediatamente o que resta da base de sustentação de Sarney, e criar condições para a realização de eleições em curtíssimo prazo. Nessa situação especial — com pouquíssimo tempo para debate e com o candidato da direita aparecendo diante do eleitorado como *oposição* a Sarney — eles esperam que a vitória sorria a este candidato. Foi mais ou menos isso, aliás, o que aconteceu em 1945, com a deposição de Getúlio Vargas, em 29 de outubro, e a eleição do reacionário Eurico Dutra, em 2 de dezembro —, um pleito com apenas 34 dias de campanha.

## Qual o papel do Dr. Ulysses?

Rechaçada pelos próprios empresários, a proposta de dissolução da Constituinte sofreu da parte do deputado Ulysses Guimarães um bombardeio ainda mais demolidor. "Quem vai fechar a Assembléia?" perguntou ele, no último dia 17, para em seguida chamar de "três patetas" os ministros militares que, em 1969, fizeram mais ou menos o que Antonio Carlos Magalhães propõe para hoje — fecharam o Congresso e impuseram a Constituição ultra-reacionária que vigora, com algumas emendas, até nossos dias.

A declaração de Ulysses foi mais um sinal de que também ele sentiu a necessidade de afastar-se do gover-

no e de assumir mais abertamente a própria candidatura à Presidência. O primeiro sintoma desse movimento ocorrera na madrugada do dia 9. Retornando de uma visita a Petrópolis, o deputado paulista, que na ocasião exercia interinamente a Presidência da República, concedeu entrevista a um grupo seletivo de jornalistas, e deixou transparecer nitidamente, tanto sua condição de candidato, quanto sua confiança na vitória.

A postulação de Ulysses trará certamente mais dificuldades para a coesão das forças de centro e de direita. Ele tende a afastar-se mais do governo, e a *disputar* os espaços em que a di-

reita empresarial pretende ser hegemônica.

Mas seus méritos acabam por aí. O presidente da Constituinte é hoje um homem comprometido com a *conservação*, em seus aspectos fundamentais, da estrutura política e econômica do País. Uma boa prova disso viria poucas horas após a entrevista em que ele sugeriu que é candidato. Ainda na manhã do dia 9 a Polícia Federal, agindo à moda antiga, invadiu a sede nacional da CUT e recolheu cartazes que denunciavam a ação dos constituintes do "Centrão". Tudo isso para cumprir determinação de Ulysses, que solicitara providências para impedir a difusão do material.

## Até onde vai o "Centro Democrático"

O deputado Expedito Machado (PMDB-CE) voltou a ocupar os títulos dos jornais quando liderou, no dia 12, uma autêntica revolta de 66 deputados que até aquele momento estavam ligados ao "Centrão"

e que afirmaram seu desejo de recompor o "Centro Democrático do PMDB" e re-

integrar-se às hostes desse partido.

A atitude representa, de qualquer forma, um tropeço do grupo mais reacionário da Constituinte, e por isso há motivos para comemorá-lo.

Mas é prudente aguardar um pouco para saber até que ponto o "Centro De-

mocrático" se afastará de fato das teses direitistas. É significativo o fato de os peemedebistas arrependidos terem se declarado sob comando do deputado Ulysses Guimarães, e não do senador Mário Covas, que é o líder do PMDB na Assembléia.

(Antonio Martins)

CIP

# Guardião de lucros

Conselho Interministerial de Preços, o CIP. Em tese, trata-se de um respeitável e impoluto órgão, impecavelmente aparelhado para uma eficiente política de combate à inflação e fiscalização de monopólios e oligopólios. Na realidade não é nada disto. Ineficaz no que tange à determinação e controle dos preços, o CIP — hoje com quase 20 anos de existência — é mais um “guarda-chuva protetor” de lucros exorbitantes contra eventuais intempéries do mercado.

Isto ficou muito claro em um trabalho elaborado recentemente a pedido do próprio governo pelo economista Gil Pace, vinculado ao Ministério do Planejamento. Embora, no final das contas, o estudo tenha sido orientado no sentido de enaltecer as maravilhas da “livre concorrência” em contraposição à intervenção do Estado na economia, ele é valioso por revelar, com riqueza de detalhes, as diferentes artimanhas dos capitalistas para driblar o controle do governo sobre os preços de suas mercadorias e impor suas próprias margens de lucro.

## FRAUDES ADMITIDAS

As fraudes apontadas por Gil Pace foram admitidas como rotineiras pelo atual secretário-executivo do CIP, Wenceslau Magalhães. Porém não se tem notícia até agora de nenhuma iniciativa para coibi-las.

As irregularidades não são poucas. Conforme o economista do Ministério do Planejamento, elas iniciam pelo valor do frete. O CIP “praticamente oficializa a tabela de fretes da Associação Nacional das Empresas de Transportes Rodoviários de Carga (NTC) — entidade dos empresários —, que na realidade é muito superior aos preços efetivamente praticados”.

Essa é uma das maneiras de elevar artificialmente a planilha de custos, como ilustra o caso da indústria de cimento, “que chega ao requinte de não permitir que seus grandes consumidores ou distribuidores retirem o cimento da unidade fabril”. Também é comum a compra de notas fiscais aos fornecedores, com o mesmo objetivo de “aumentar custos”.

## MAQUIAGEM

Bastante conhecida é a prática popularizada como “maquiagem” pela qual os monopólios introduzem pequenas modificações em suas mercadorias, concedendo-lhes novos nomes e comercializando-as como novidades no mercado, evidentemente que com preços diferentes e superiores aos das antigas marcas.

Há meios mais sofisticados, embora não diretamente relacionados com o CIP, como a venda de produtos cipados apenas através de financiamentos, incorporando a cobrança de juros, mas recebendo, de fato, a vista. Ou, ainda, cobrando um adicional por fora do que tem que necessariamente constar da nota fiscal.

Contam-se, igualmente, a utilização de componentes ou matérias-primas de qualidade e valor inferior, ou o uso de embalagens impróprias no entanto mais baratas; a venda por meio de intermediários e distribuidores pertencentes à própria empresa, de forma a embutir uma majoração sobre o preço da tabela.

Há a redução pura e simples da quantidade, que consiste em vender o quilo de 900 gramas, o litro de 900 mililitros, o metro de 90 centímetros, o chocolate menor, etc. Pace afirma que certos comerciantes chegam ao requinte de trabalhar com balanças de alta precisão para ganhar o peso

do embrulho, que pode variar de oito a 20 gramas.

## MEDICAMENTOS

Useiras e vezeiras em reclamar aumentos de preços, as multinacionais que monopolizam a produção de medicamentos no Brasil são também engenhosas na arte de enganar o CIP. Há pouco tempo o Serpro constatou que os remédios apresentam um número de sais muito superior ao que poderia ser considerado normal no ramo. Isto porque as indústrias gostam de criar “novos” produtos, óbvio que com “novos” preços, para fugir ao controle. Daí a enorme variedade de medicamentos no país.

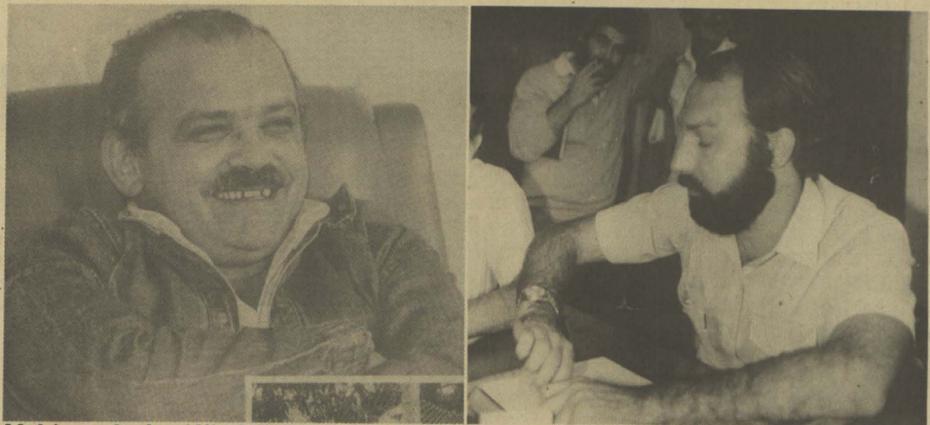
Essas multinacionais fazem parte, ainda, dos “setores industriais que adotam como prática para o CIP a aquisição de insumos junto a suas matrizes”, a preços artificialmente altos, apontados no estudo de Gil Pace. Segundo ele, a indústria do setor “superfaturava o preço da matéria-prima” que importava, conseguindo, ao mesmo tempo, remeter ilegalmente lucros ao exterior e aumentar os custos junto ao CIP.

## BOM NEGÓCIO

Para muitos setores, o controle do CIP acaba sendo um bom negócio, pois garante uma margem de lucro no mínimo razoável e, de lambuja, a monopolização. O órgão funciona como “um guarda-chuva protetor”. Assim, a indústria de cimento não quer sair do CIP, o mesmo ocorrendo com as produtoras de cerveja e outras.

“Tanto a Antarctica quanto a Brahma temem de forma absurda que seus preços sejam liberados, não desejam concorrer e sabem que com o mercado controlado ninguém mais quer entrar para produzir”, assegura Pace, acrescentando: “De uma forma geral, quando a concorrência começa a se acirrar, as associações e sindicatos são os primeiros a procurar os técnicos do governo, autoridades e políticos, induzindo-os a intervir no mercado”.

Disto tudo facilmente se constata o alto grau de integração e controle dos monopólios sobre o aparelho estatal. No fim os interesses particulares dos grandes capitalistas acabam se impondo mesmo contra a organização, ou a vontade, da burguesia em seu conjunto, encarnada no Estado. É o espírito da anarquia amarrado às leis da selva, ou, que seja, do mercado.



Medeiros aplaude a idéia do “pacto”; Meneghelli diz não, mas fala em “negociação coletiva nacional”

## PACTO SOCIAL

# Ilusões no meio sindical

A idéia do “pacto social” voltou à cena nos últimos dias. Após passar um período no esquecimento, a proposta de um acordo entre governo, patrões e trabalhadores ressurge — desta vez com maiores adesões no meio sindical. Mesmo na CUT, que posa de radical, a idéia ganha simpatizantes. Estes, porém, preferem não se queimar utilizando o velho e desgastado termo. Disfarçam propondo uma tal de “negociação coletiva nacional”.

A procura de um “pacto” entre exploradores e explorados não é nova. Mais recentemente, o governo da chamada “Nova República” tem batido com insistência nessa tecla. Mas a proposta nunca se viabilizou. Em todas as oportunidades em que foi sugerido, ficou claro que as classes dominantes não aceitam ceder nem um milímetro em seus privilégios. Sua aparente conduta “negociadora” visava apenas conter a insatisfação popular. Já no caso do governo Sarney, este não demonstrou determinação alguma em enfrentar com coragem os graves problemas nacionais que afetam a

vida do trabalhador, como a dívida externa e a questão agrária.

## NOVO ENGODO

Agora a idéia aparece novamente com grande alarde na imprensa. Ela surge coincidentemente no momento das campanhas salariais de importantes categorias de trabalhadores. Tem também como pano de fundo a inflação, sobre a qual o governo admite ter perdido totalmente o controle, e os novos e alarmantes sinais de recessão. Para a burguesia, um “pacto” nesse momento poderia representar a contenção das lutas dos trabalhadores.

A poderosa Fiesp (Federação das Indústrias de São Paulo) já deixou claro esse seu objetivo. Estabeleceu como requisito para negociação de qualquer acordo a passividade dos trabalhadores diante do arrocho salarial. “Os sindicatos devem deixar de fazer greves ou reivindicar aumentos salariais”, afirmou Mário Amato, presidente da entidade. Por sua vez, o governo

também manifestou interesse na celebração de um pacto. Mas garantiu que não mudará sua conduta na negociação da dívida externa e nem aceitará a reposição das perdas salariais.

O que causa maior estranheza é que, mesmo diante desse novo engodo, alguns sindicalistas se mostram simpáticos à proposta do pacto.

Os representantes do chamado “sindicalismo de resultados” foram os primeiros a aplaudir a idéia. Luis Antônio Medeiros, um dos encabeçadores dessa corrente direitista e patronal, apressou-se a dizer que os trabalhadores até aceitariam “abrir mão de algumas coisas”. Além disso, a proposta do “pacto” gera grande polêmica no interior da CUT. Tendo como base a proposta de acordo coletivo entre os sindicatos de metalúrgicos filiados à central e a Fiesp, que prevê a não convocação de greves, alguns cutistas acreditam na possibilidade de se firmar uma “negociação coletiva nacional”. Embutida na proposta está a idéia de evitar a recessão contendo a luta dos trabalhadores.

## ALIMENTOS

# Serão raros, porém caros

Alimentação mais rara e mais cara. É o que se deve esperar neste ano. Segundo estimativa da Companhia de Financiamento da Produção (CFP) a safra brasileira de cereais e oleaginosas do período 1987/1988 será pelo menos um milhão de toneladas menor do que a anterior, ficando em 64,1 milhões de toneladas. A quebra deverá ser mais acentuada na região Centro-Sul, que colherá 51.453.700 toneladas contra 53.807.000 em 1986/1987.

Uma breve análise da composição da safra revela que o impacto sobre o mercado interno será pior. Com efeito, a lavoura de arroz sofre uma retração da área plantada de 6%, o que deverá resultar numa colheita 5% inferior. O Centro-Sul, conforme a previsão da CFP, produzirá 8,6 milhões de toneladas de arroz contra 9,1 milhões em 1986/1987.

A área cultivada de milho declinou 12%, detecta-se também uma queda da produtividade e, conseqüentemente, uma quebra de 15% na colheita — no Centro-Sul, cerca de 21 milhões de toneladas contra 25 milhões (veja o quadro). A plantação de feijão igualmente se retraiu, em 3%, embora se

Culturas	86/87		87/88		Variação (%)	
	Área	Produção	Área	Produção	Área	Produção
Cereais/leg.						
Arroz	4.451,6	9.108,3	4.170,1	8.689,0	-6	-5
Feijão 1ª safra (1)	2.029,9	947,1	1.967,5	1.240,3	-3	-31
Milho	10.652,2	25.011,7	9.413,9	21.151,0	-12	-15
Sorgo	214,6	452,2	143,1	296,4	-33	-34
Subtotal	17.348,3	35.519,3	15.694,6	31.378,7	-10	-12
Oleaginosas						
Amendoim 1ª safra	109,0	156,0	67,4	121,2	-38	-22
Mamona	42,6	49,2	34,5	42,3	-19	-14
Soja (2)	9.211,1	17.059,7	10.384,3	18.618,3	13	11
Caroço de algodão	964,7	1.022,8	1.118,5	1.263,2	16	24
Subtotal	10.327,4	18.287,7	11.584,7	20.375,0	12	11
Total	27.675,7	53.807,0	27.279,3	51.453,7	-1,4	-3,8

Fonte: CFP/DAEP/SITEC/Divisão de Avaliação de Safra-DISAF  
Nota: Área em 1.000 ha e produção em 1.000 t.  
(1) Centro-Sul+Bahia  
(2) Centro-Sul+Bahia e Rondônia  
OBS: Os dados referem-se a área e produção exclusivamente da região Centro-Sul.

espere, na primeira safra, uma produção superior à do ano passado em função de fatores climáticos favoráveis.

Em contrapartida, a cultura da soja, basicamente voltada para o mercado externo, se expande. Na região Centro-Sul, a atual safra registra um crescimento de 13% na área plantada e 11% na produção. Uma recaída do velho modelo dependente-exportador.

Os números mostram que a alegada prioridade governamental para as lavouras de gêneros básicos, destinados ao mercado interno — prioridade badalada tempos atrás, especialmente durante o chamado

Plano de Metas de 1986, que chegou a dar tímidos resultados no ano passado —, já foi esquecida. Agora retorna o antigo lema: “exportar é a solução”.

A quebra da safra reflete, ainda, os danos causados aos pequenos e médios produtores do campo pela elevação abusiva e excessiva das taxas de juros após o Plano Cruzado. Não foram poucos os que, no período de euforia, contraíram empréstimos junto aos bancos e, posteriormente, quando a inflação explodiu, simplesmente perderam as terras que haviam hipotecado aos agiotas.



Medicamentos: preços altos e irregulares, com as bênçãos do governo

## DÉFICIT PÚBLICO

# As versões e os fatos

Bastou a constatação de que os servidores públicos federais tiveram um pequeno aumento real de salários em 88 para que a direita reiniciasse a campanha que desenvolve para conseguir a redução dos gastos públicos e para convencer o povo brasileiro de que o país não avançará enquanto perdurar o “desperdício” do dinheiro dos contribuintes com o pagamento de burocratas ineficientes e a sustentação de projetos sociais demagógicos.

Quem deu o sinal do alerta foi o jornal “O Estado de S.Paulo”. Trabalhando com dados preliminares do governo relativos ao mês de janeiro, ele procurou chocar seus leitores, no último dia 7, ao dizer em editorial que a folha de pagamento do governo havia consumido naquele mês 83% da arrecadação líquida de impostos. Este fato, advertia o “Estado” num tom que poderia ser qualificado como de terrorismo intelectual, aponta para um empobrecimento nacional semelhante ao sofrido pelo Uruguai, e conduz ao “desmantelamento da economia”.

A ofensiva do diário paulista foi acompanhada por outros órgãos e por políticos de direita como o ministro Mailson da Nóbrega e Delfim Net-



Mailson omite o peso dos juros

to, e há razões suficientes para isso. Os conservadores desenvolveram sistematicamente, nos últimos anos, uma teoria segundo a qual os principais problemas econômicos do Brasil residem na existência de uma máquina estatal gigantesca, que sufoca a iniciativa privada e cerceia a ação das “forças vivas” da economia.

Basta, porém, analisar os números definitivos a respeito das despesas do governo em janeiro para ver até que ponto esta teoria é insustentável. Estes índices, que a grande imprensa esconde nas páginas internas dos cadernos de eco-

nomia, demonstram por exemplo que os gastos com pessoal atingiram de fato Cz\$ 63 bilhões, ou 30 bilhões a menos do que o previsto nos cálculos iniciais. Este valor corresponde, na verdade, a 28,7% do total arrecadado pela União (Cz\$ 229,6 bi), ou a 40,3% se descontada a parcela que é transferida aos estados e municípios (Cz\$ 34,3 bi).

O mais significativo, contudo, é que o montante gasto com os funcionários do governo é substancialmente inferior às verdadeiras montanhas de dinheiro despendidas com as dívidas externa e interna. Apenas para pagar os juros da dívida externa, por exemplo, o governo emite aproximadamente Cz\$ 75 bilhões a cada mês.

A dívida, porém, é resultado do modelo econômico que foi desenvolvido a partir de 1964, que permanece em vigor e que fez a fortuna da burguesia brasileira. Por isso a imprensa não se comove com ela. E continuará gastando toneladas de tinta para fazer os crédulos acreditarem que é preciso combater os investimentos em saúde e educação, empresas estatais e seus funcionários. Afinal de contas, o papel aceita tudo, alguém já disse.

## LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

## As raízes das vacilações

Por que surgem, dentro das fileiras comunistas, mesmo nas condições da ditadura do proletariado, desvios de direita e de esquerda? Alguns imaginam que o problema se reduz ao mau caráter de certos indivíduos. É certo que, no final das contas, os desvios se materializam em pessoas. Mas a fonte destes problemas está nas condições materiais. Daí, no interior dos partidos em geral a luta interna se prolonga e só se chega a medidas de expulsão, ou de levar pessoas aos tribunais, quando a tendência a ceder se transforma em colaboração aberta com a burguesia.

## PRESSÃO BURGUESA

Lênin indicava que “os elementos burgueses que surgem sobre a base da pequena produção cercam o proletariado por todos os lados com o ambiente pequeno-burguês, penetram-no com esse ambiente, desmoralizam-no, provocam continuamente no seio do proletariado recaídas de temor pequeno-burguês, de dispersão, de individualismo, oscilações entre a exaltação e o abatimento”.

Os direitistas, sob esta pressão, indicava Stálin, inclinam-se a “fazer concessões aos elementos capitalistas, na cidade e no campo, reclamam que se abraque o ritmo do crescimento da indústria, que se deixe em segundo plano os problemas dos kolkhoses e sovkhoses e que se afrouxe o monopólio estatal sobre o comércio exterior”. Enquanto isto, os esquerdistas avaliam que “não se conseguirá nada com os camponeses, que está caduca a idéia da aliança operário camponesa, que, se não vier rapidamente um socorro da revolução triunfante nos países ocidentais, a ditadura do proletariado na URSS afundará, que se não se aceitar um fantástico plano de superindustrialização, mesmo que a sua realização nos custe a ruptura com os camponeses, teremos que considerar a causa do socialismo na URSS como perdida”.

## COMO VENCER

Isto significa que, inevitavelmente, o partido envereda por estas linhas pequeno-burguesas? Não, Stálin indicava, em outubro de 1928, para superar estes desvios, “consolidar a ditadura do proletariado, fortalecer a aliança entre a classe operária e os camponeses, desenvolver os nossos postos de comando do ponto de vista da industrialização do país... unificar gradualmente as explorações camponesas em fazendas coletivas... limitar e eliminar os elementos capitalistas na cidade e no campo”. Em outras palavras, cumprir a diretiva de Lênin: “reconstruir a economia do país, incluindo a agricultura sobre a base técnica da grande produção moderna”.

No plano partidário, Stálin apontava: “Depurar as organizações do partido e dos sindicatos os elementos manifestamente burocráticos, renovar a composição dos comitês de fábrica, revigorar sem falta as conferências de produção, centrar as atividades do partido nas grandes células das empresas industriais e destacar para elas os nossos melhores militantes”.

## DIGNIDADE OPERÁRIA

E, concluindo por um chamamento geral, Stálin dizia: “Mais atenção às necessidades e aspirações da classe operária, menos formalismo burocrático na atividade prática das organizações do partido e dos sindicatos, mais sensibilidade e respeito para com o sentimento de dignidade da classe operária, tal é a tarefa atual”. São lições valiosíssimas de como se travava o combate para a construção do socialismo. E, sem dúvida, trazem também ensinamentos para a atividade revolucionária para todos os trabalhadores nas condições de nosso país. (Rogério Lustosa)

## Bukharin, um “injustiçado”?

Com grande estardalhaço, o governo soviético anunciou a “reabilitação” de Bukharin e Rykov, condenados em 1938 pelo Tribunal de Justiça, por sabotagem ao socialismo e alta traição, em colaboração com os serviços secretos da Alemanha nazista e do Japão. Segundo o porta-voz Gennady Gerasinov, “isto é apenas o começo”. A decisão tem um enorme significado pois revela que os atuais dirigentes resolveram colocar em dúvida toda a justiça durante o período anterior ao XX.º Congresso do PCUS.

Para anular os processos, o Supremo Tribunal da União Soviética argumentou que “os julgamentos foram forjados e todas as provas obtidas eram ilegais”. Endossa assim a tese mil vezes martelada pela burguesia sobre os horrores da “ditadura stalinista”.

A grande imprensa ocidental e cristã, como era de se esperar, deitou e rolou. E, para melhor pintar o quadro dantesco dos pobres inocentes fuzilados por ordem de um tirano desalmado, relembrou uma carta de Lênin, chamando Bukharin de “favorito do partido” e de “notável teórico”.

Como foram os julgamentos? Qual a verdadeira história destas personagens agora tão badaladas?

Os julgamentos, realizados em março de 1938, foram públicos e assistidos não só pela imprensa internacional como por diplomatas de diversos países credenciados em Moscou. Nada melhor do que as palavras do próprio embaixador norte-americano, Joseph Davies, para compreender as condições da condenação do grupo de Nicolai Bukharin e Alexei Rykov.

Em livro publicado sob o título “Missão em Moscou”, o embaixador mostra que “estava predisposto a desconfiar do testemunho dos acusados (...) Contudo, analisando objetivamente e baseando-se na experiência de outros julgamentos e provas de fé que outros casos anteriores me haviam proporcionado, cheguei a conclusão forçada que o Estado havia resolvido o caso, ao menos no que se refere a provar a existência de uma vasta conspiração e complô entre os dirigentes políticos, contra o governo soviético, o que confirmava o crime alegado pela acusação”.

## URSS frustrou planos alemães

Mas esta avaliação não era apenas de Joseph Davies. Como ele próprio relata, “a opinião dos diplomatas que acompanharam mais regularmente o processo,

foi, em geral, que se havia estabelecido uma formidável política de oposição e de um complô extremamente sério (...) A única diferença de opinião que parecia existir era sobre o grau em que haviam participado os diferentes acusados”.

O embaixador participou também do julgamento de Radek, em 1937, que teve como base principal o assassinato de Sérgio Kirov — membro do Comitê Central do PCUS — em 1.º de dezembro de 1934. Ficou comprovado que este crime fazia parte de uma conspiração dirigida diretamente por Trotsky. Os processos de 1938 foram na verdade um desdobramento deste.

Mas isto não é tudo. Em 1941, já nos Estados Unidos, Joseph Davies se viu diante da atividade de grupos de “quinta-coluna” — colaboradores internos — em vários países, organizados por Hitler para preparar a invasão militar. Ele diz: “unicamente nos dois últimos anos, quando, graças ao Comitê Dies e à A.F.I. foram descobertas atividades de organizações alemãs nos EUA e na América do Sul, é que vimos a atual manobra dos agentes alemães operando em colaboração com elementos locais, como os traidores da Noruega, Tchecoslováquia e Áustria, os quais traíram os seus países internamente, executando fielmente os planos de ataque de Hitler”. E conclui: “o governo soviético, vê-se agora, já estava, então, sutilmente atento aos planos dos militares alemães e de seus comandos políticos, assim como do ‘trabalho interno’ que se vinha desenvolvendo na Rússia, como preparativo para o futuro ataque germânico”.

É um depoimento absolutamente claro. Não existe a necessidade de comentários. A não ser que a “Justiça” do senhor Gorbachev consiga provar agora que Joseph Davies, os jornalistas e o corpo diplomático eram todos “cúmplices” de Stálin.

Mas quem era Bukharin? Como chegou a uma situação destas, a ponto de colaborar com os nazistas? E como se explica que Lênin tenha feito referência tão elogiosa a este cidadão na tal carta-testamento?

Em primeiro lugar é bom citar todo o trecho da carta e não apenas as palavras que interessam a certos comentaristas. Dizia Lênin: “A respeito dos jovens membros do Comitê Central, direi algumas palavras acerca de Bukharin e Piatakov. São, a meu ver, os que mais se destacam (entre os mais jovens) e neles, se deveria levar em conta: Bukharin não só é valiosíssimo e notável teórico do partido, sendo que, ademais, o consideramos legitimamente o favorito do partido; mas suas concepções teóricas muito dificilmente podem qualificar-se de inteiramente marxistas, pois há nele algo de escolástico (jamais estudou e creio que ja-

mais compreendeu por completo a dialética)”.

O mesmo Lênin, em fins de 1916, criticava as posições de Bukharin sobre a teoria do Estado e comentava que este, ao invés de deixar amadurecer suas idéias, “se lançou à imprensa e o fez de tal modo que, em vez de desmascarar aos kautskystas, os ajudou com seus próprios erros”. Kautsky, como se recorda, foi um dos dirigentes da II.ª Internacional que se deixou levar pela pressão burguesa e se tornou inimigo declarado do marxismo-leninismo, passando a atacar abertamente o conceito de ditadura do proletariado.

## Defesa do capitalismo

No período aproximadamente entre 1927 a 1929, travou-se também uma acirrada luta interna no interior do PCUS, tendo Bukharin e Rykov como expoentes do desvio de direita.

Em relação à NEP — nova política econômica, implantada em 1921, como uma forma de equilibrar a economia, fazendo concessões forçadas ao capitalismo — este grupo defendia uma perspectiva unilateral, favorecendo os kulaks (burguesia do campo). A orientação do PCUS era de permitir certa liberdade ao comércio privado, assegurando o papel regulador do mercado ao Estado. Bukharin desconhecia este segundo aspecto, pregava a “normalização do mercado” admitindo o jogo livre dos preços e inclusive a elevação dos preços dos cereais.

Em relação ao desenvolvimento da indústria e suas ligações com a agricultura, novamente o grupo revelava que, de fato, não conseguia compreender a dialética.

Nas novas condições criadas com o processo de industrialização, o partido indicava a necessidade de fortalecer os kolkoses (cooperativas agrícolas) e sovkoses (fazendas estatais) desenvolvendo as estações de máquinas e tratores como forma de entrar na indústria e agricultura. Enquanto isto, em documento apresentado ao CC em julho de 1928, Bukharin defendia o estímulo às fazendas individuais, amortecendo o ritmo das cooperativas e fazendas estatais. Em outras palavras, pregava o fortalecimento dos elementos capitalistas.

Devido a escassez de trigo, o partido orientava-se no sentido de tomar medidas extraordinárias para exigir dos kulaks maiores quantidades de excedentes, para evitar a importação e destinar recursos para o desenvolvimento industrial. O grupo de Bukharin, na mesma reunião do CC, inclinava-se para a importação de trigo, até a soma de 100 milhões de rublos, e a recusa de qualquer confisco dos kulaks.

## Apoio ao Kulak no socialismo

Por último, em relação ao campesinato, Bukharin tratava de obscurecer as diferenças entre os camponeses pobres e médios, aliados do proletariado no processo da revolução socialista, e os camponeses ricos (kulaks), inimigos de classe. E, desenvolvia a teoria da integração dos kulaks no socialismo.

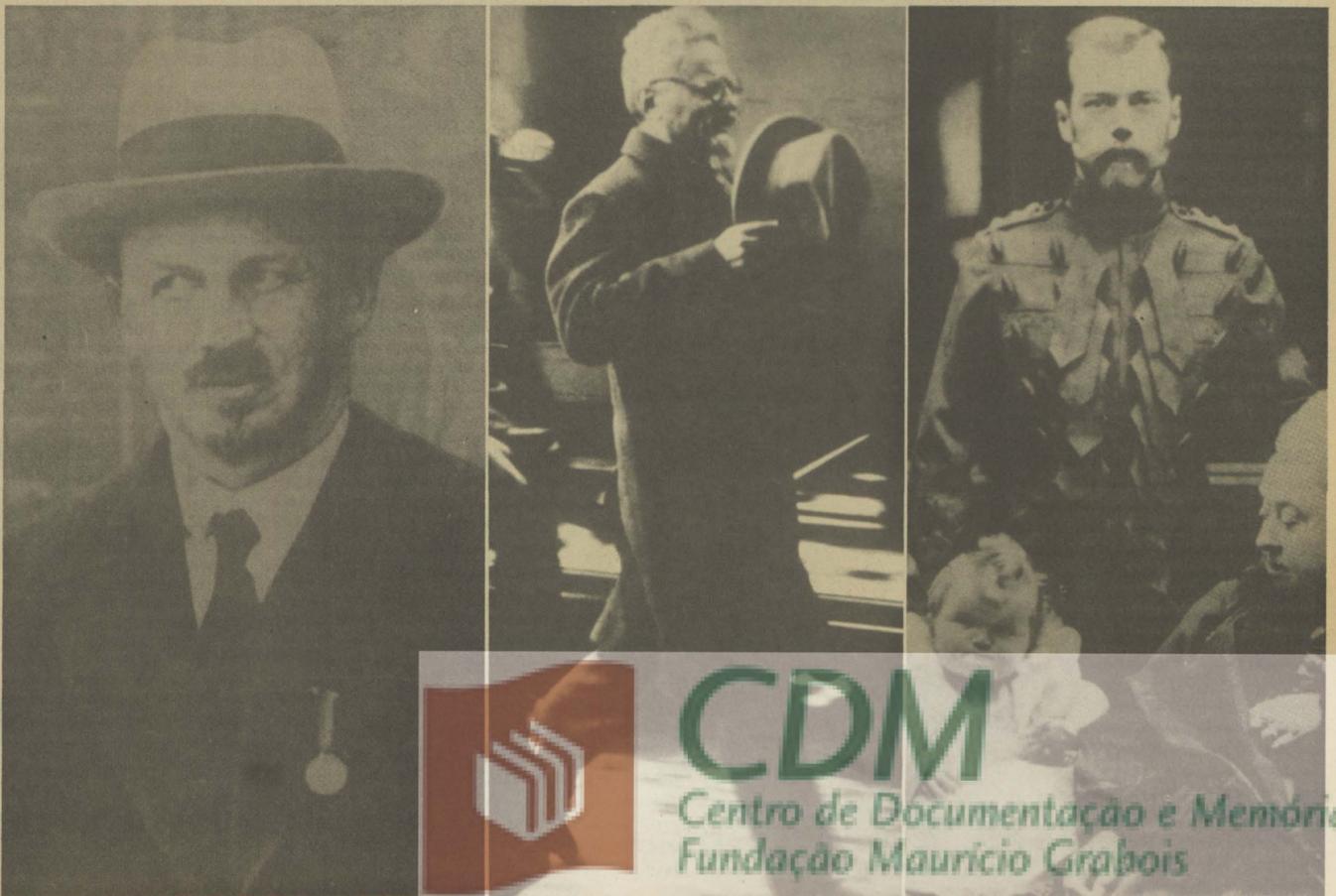
Em seu folheto “O caminho para o socialismo” estas duas concepções ficam evidentes. Ele diz: “A rede fundamental de nossas organizações cooperativas camponesas estará formada por células cooperativas não do tipo kulaks mas de ‘trabalhadores’ que se integrarão no sistema de nossos organismos do Estado e se converterão, deste modo, em escalões da cadeia única da economia socialista. De outro lado, os redutos cooperativos dos kulaks irão integrando-se, exatamente do mesmo modo...”

Poder-se-ia pensar que fossem apenas palavras. Mas o Conselho de Economia, quando tinha à frente um elemento subordinado a Rykov, decidiu para certas regiões, que “as porcentagens de venda de maquinaria e equipamentos agrícolas assinalados neste ponto, se elevam em 20% para as camadas superiores da aldeia e se rebaixam em 30% para as camadas médias”. Isto em plena ofensiva do partido contra os kulaks! O Comitê Central, assim que foi informado, anulou estas deliberações.

Em função do combate cerrado que enfrentaram no interior do partido, dirigido com firmeza por Stálin, Rykov e Bukharin pediram demissão de seus cargos em 1929, como forma de criar obstáculos administrativos.

Por tudo isto, não é difícil compreender o alcance da tal reabilitação deste grupo. Trata-se de desmoralizar por completo o período em que vigorou a ditadura do proletariado na URSS. E, conseqüentemente, justificar o pleno restabelecimento das normas burguesas. Como o próprio porta-voz governamental anunciou que “isto é só o começo”, e como em peças de teatro, no Museu Lênin em diversas ocasiões reaparecem as referências a Trotsky, pode-se prever que dentro em breve este grande traidor do movimento revolucionário deve surgir como nova estrela na constelação de Gorbachev. E não é de se espantar se, em seguida, sejam descobertas “grandes injustiças” cometidas pelos perversos bolcheviques contra Sua Alteza, o Czar Nicolau II.

Além disto, do ponto de vista da teoria da perestroika, em particular no que diz respeito às pequenas empresas familiares, e às concessões ao capital estrangeiro, as idéias de Bukharin representam uma ajuda inestimável a Gorbachev. (Rogério Lustosa).



Bukharin foi o começo. Na lista de espera, Trotsky e Nicolau II.

## Duas caras

Defender um “capitalismo radical”, é a idéia de Vladimir Pomar para a campanha presidencial de Lula. Segundo Vladimir, guindado a coordenador da campanha, em nome da Executiva Nacional do PT, “queremos provar que, na medida em que somos capazes de dirigir o país, podemos alterar o sistema sem traumas”.

Essa idéia, de levar o capitalismo às últimas conseqüências, e passar ao socialismo de mansinho, sem que ninguém perceba, com o beneplácito da burguesia, não é nova. Neste sentido é admirável a valentia de Vladimir na desesperada tentativa de ressuscitar este defunto desmoralizado. Talvez só consiga se desmoralizar, a ele próprio, ainda mais.

Além disto, o plano de Vladimir é mais ousado. Pretende que Lula se apresente com duas caras. Ele mesmo explica: sem perder a imagem de trabalhador, Lula está cada vez mais ascendendo ao patamar de estadista. Esse caráter não é antagônico, uma vez que o desejo da grande massa trabalhadora é vestir paletó e gravata”. Brilhante. Em outras palavras, como a ideologia dominante é burguesa, acomodemo-nos.

Se o PT pretende de fato seguir estes planos, a única vantagem é que os trabalhadores a ele filiados tomarão consciência, com a maior rapidez, da necessidade de uma organização revolucionária para conduzi-los à vitória.

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

## SINDICALISMO

## CGTs estaduais se unem contra a direita

Após as recentes investidas do chamado "sindicalismo de resultados" que, através da ação de bandos de provocadores tentou assaltar a direção da CGT, os setores progressistas que atuam nessa central decidiram somar forças. Em reunião realizada no Sindicato dos Urbanitários do Rio de Janeiro, no último dia 9, a maioria das CGTs estaduais condenou o banditismo sindical da gang de Magri e Medeiros e deixou claro que essa corrente direitista e patronal é minoritária no interior da entidade.

"Essa é uma reunião histórica do sindicalismo brasileiro, que deseja construir um central combativa e democrática e não aceita a manipulação de grupos reacionários". Desta forma José Carlos Schulte, presidente da CGT gaúcha, qualificou o encontro, que reuniu as direções de 18 CGTs estaduais (RS, SC, PR, RJ, DF, GO, MS, MT, ES, BA, CE, RN, PI, PB, AL, MA, AM e PA), além de membros das executivas da CUT de São Paulo e Minas Gerais. O re-

presentante do Acre não pôde comparecer, mas enviou telegrama de apoio à reunião.

Evidenciando o racha na Executiva Nacional da CGT seis de seus integrantes também participaram do evento. Entre eles, José Francisco, presidente da Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), entidade que estava ausente das atividades da CGT. Além do representante do sindicalismo rural, estiveram presentes Sér-

gio Barroso, Renildo Souza, José Neves, Francisco Braga e Arnaldo Gonçalves.

## Nova Plenária

Durante toda a reunião, imperou o espírito unitário dos participantes. O interesse maior foi o de unir forças para se contrapor a ofensiva dos setores direitistas no interior da CGT. Foi unânime a condenação aos métodos anti-sindicais e ao banditismo do grupo de Antonio Magri e Luis Antonio Medeiros.

Tendo como base o estatuto da CGT, os participantes do encontro decidiram convocar uma nova Plenária Nacional da central para o próximo dia 26 de março, na sede da Contag, em Brasília. Foi formada uma Comissão Coordenadora da articulação, que terá o pa-

pel de viabilizar a plenária. Caso a Executiva Nacional, que se reunirá no dia 24, não acate a decisão da maioria das CGTs estaduais, essa comissão será responsável pelo evento. Para evitar novas fraudes e a ação de bandos de provocadores, como ocorreu no dia 30 de janeiro, as CGTs estaduais ficarão encarregadas do credenciamento e da fiscalização dos delegados.

As CGTs estaduais também deliberaram encaminhar o plano de lutas da CGT, onde se destaca a luta pela suspensão do pagamento da dívida externa, com auditoria sobre a origem da dívida; reforma agrária conforme as resoluções do 4º Congresso da Contag; campanha salarial para recuperar as perdas salariais; luta pelos direitos dos trabalhadores na

Constituinte, com a realização de um "Dia do Basta" no próximo dia 4, contra o "Centrão" e por eleições diretas para presidente em 88. O encontro também decidiu "desautorizar qualquer membro da Executiva Nacional da CGT a negociar fora dos princípios programáticos do seu congresso de fundação em Praia Grande, em nome da CGT, particularmente com os setores reacionários da Constituinte, agrupados no "Centrão" e com posições contrárias aos interesses dos trabalhadores e às linhas de ação do sindicalismo classista".

De forma consensual, os participantes decidiram "repedir os atos de banditismo sindical promovidos por Antonio Magri, Valdir Vicente, José Teodoro, Ricardo Baldi-

no e Vagner Pereira, membros da Executiva Nacional da CGT" — grupo que foi batizado de "Gang dos Cinco". Luis Antonio Medeiros, da CGT de São Paulo, também foi repudiado.

Na avaliação de Sérgio Barroso, primeiro secretário da CGT Nacional, o encontro do Rio de Janeiro foi "altamente positivo". Ele destaca o fato das CGTs estaduais assumirem a iniciativa política. "Isto significa, de imediato, um contraponto organizativo à Executiva Nacional". Outro aspecto positivo, segundo Barroso, é que "a partir dessa reunião formou-se finalmente uma articulação progressista no campo da CGT".

(Sônia Regina, da Sucursal do Rio de Janeiro)

## FIAT

## A exploração não mudou

A multinacional italiana FIAT, que realiza intensa campanha publicitária para apresentar-se como representante de produtos e idéias "modernas" continua praticando em suas fábricas os métodos mais arcaicos e selvagens de perseguição aos trabalhadores. No último dia 4, ela desconheceu solenemente o direito de estabilidade no emprego que até mesmo as velhas leis brasileiras conferem aos dirigentes sindicais e afastou de suas instalações em Betim (MG) o operário Carlos Alberto Carmo Viegas — o "Chico", membro da diretoria do sindicato dos metalúrgicos do município.

Procurando justificar sua atitude, a FIAT abriu processo para despedir "Chico" por justa causa. Ele contesta: "Não cometi nenhuma falta. No fundo, o que a multi quer é impedir que nós, sindicalistas, organizemos os companheiros operários para lutar contra sua feroz exploração". E lembra que antes da expulsão a firma já o castigara com mais de treze punições, todas elas sem justificativa legal.

"Chico" não é, porém, o primeiro a ser atingido pela FIAT. Incomodada com a atuação combativa do sindicato, ela desencadeou há meses uma grande ofensiva para eliminar as principais lideranças da fábrica. Utiliza para isso a



Chico: vítima da "modernidade"

tática suja de aplicar seguidas punições contra os ativistas até culminar com o afastamento. Como a Justiça do Trabalho jamais se preocupa em averiguar se as punições são ou não procedentes, os objetivos da multinacional acabam sendo alcançados. Há alguns meses, ela já demitira três ex-dirigentes do sindicato, e em novembro último foi a vez de Leonel Ferreira de Souza Filho, o "Poeta" que além de pertencer à atual diretoria era também cipeiro.

Mas não é só. No interior da fábrica, os trabalhadores mais conscientes, marcados pela chefias, têm seus passos incessantemente vigiados. Seguranças da empresa os acompanham a todo instante, até mesmo quando se dirigem ao banheiro. E nos momentos de mobilização mais intensa, são

simplesmente proibidos de entrar para trabalhar, como ocorreu nos dias que antecederam o julgamento do último dissídio da categoria, no fim de 87.

Diante da onda de ataques à organização dos operários, o sindicato não tem ficado inativo. Ainda no ano passado, logo depois de aplicadas as primeiras punições, a entidade elaborou e distribuiu amplamente um "Dossiê de Denúncias", encaminhado a diversas autoridades e a parlamentares e que obteve expressiva repercussão. A resposta da FIAT foram novas pressões: ao ver arranhada a imagem moderna que tentava vender à população, ela abriu processo judicial contra o presidente do sindicato, Edmundo Costa Vieira.

## OFENSIVA PATRONAL

O exemplo da fábrica italiana tem sido observado e seguido criteriosamente por outras firmas de Betim.

Recentemente a Ritz-Chance, onde trabalham 650 operários acaba de abrir processo contra Carlos Nicomedes do Carmo, outro diretor do sindicato. Seu crime: ele denunciou intensamente os salários pagos pela empresa — os mais baixos de Betim — e as ameaças de violação do acordo salarial assinado pela categoria.

residia, reuniram-se representantes de mais de vinte entidades e autoridades municipais, para "enfrentar em conjunto a luta contra a escalada da violência na região".

A primeira decisão foi denunciar, este mais outros crimes não apurados, como o assassinato a tiros pela polícia, em 21 de agosto do ano passado, do laminador da Acesita Paulo Pedro de Oliveira. De Genebaldo Martins da Silva, também funcionário da Acesita, preso em 28 de outubro passado, levado para o DOPS de Belo Horizonte e até hoje desaparecido. De Assis, operário que também apareceu morto depois de detido. O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos José Geraldo Costa, o prefeito de Timóteo, o bispo Dom Leles, vereadores e presidentes de associações de bairro foram à Secretaria de Segurança para exigir a apuração dos crimes.

O delegado regional de Ipatinga, José Antonio da Silva, diz que "estes comunistas do sindicato sempre querem culpar a polícia por tudo de ruim que acontece". Mas a pergunta que espontaneamente brota é esta: não estará a polícia do Vale do Aço, região de grande concentração operária e sérias lutas contra a exploração patronal, agindo em repressão sistemática contra os trabalhadores, sob o manto do "combate à marginalidade"?



Nos principais entroncamentos ferroviários do país, os tanques do Exército estiveram presentes.

## FERROVIÁRIOS

## Agora, a operação padrão

A greve que mobilizou os ferroviários de todo o Brasil por onze dias encerra lições não somente para os que trabalham nas ferrovias, mas também para todos os que batalham contra o maior arrocho salarial que se tenta impor aos que vivem de salário: só existe uma saída, é continuar e ampliar a luta.

A greve dos ferroviários da Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA) e da Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU) encerrou-se no último dia 11, com a decisão de várias bases da categoria que ainda continuavam paradas no Rio de Janeiro, Porto Alegre, Tubarão (SC), Recife, e Bauru (SP) de retornarem ao trabalho. Mas a luta continua. Nem o carnaval conseguiu refrear o ímpeto desta que foi uma das categorias (\*), ao lado dos portuários, que mais sofreram perda de direitos trabalhistas após o golpe militar de 1964. O samba cantado pelos ferroviários grevistas dá bem uma idéia de seu espírito de luta:

"Agora não posso perder / O CISE tem que homologar / O Plano da categoria / Já basta de mendigaria / Pra trabalhar. Ah! Doutor você notou / Ferroviário finalmente acordou / Não dá pra competir com a inflação.

Tantas mentiras, marajás, corrupção / E não botam na cadeia / Os traidores da nação.

Não dá, dá não, não / Não dá mais pra suportar, suportar / É tanto plano mal traçado Mal bolado, mal transado / Só pra nos prejudicar.

Ó Ó Ó, piui, piui, lá vem o trem / Pra ferrovia Norte-Sul dinheiro tem!

## A OPERAÇÃO PADRÃO

A proposta de conciliação negociada pelas entidades representativas dos trabalhadores e o governo aceita pelas assembleias em todo o Brasil incorpora os seguintes itens: 1) antecipação de 18% de reajuste salarial a partir de janeiro; 2) suspensão das demissões; 3) desconto escalonado dos dias

parados e o compromisso do Ministério do Trabalho de negociar junto à Pasta dos Transportes a revogação das demissões já perpetradas; 4) revisão do Plano de Cargos e Salários (PCS) num prazo de 20 dias. Ao lado disso, os ferroviários do Rio e de Porto Alegre decidiram também promover a partir do dia 12 a chamada "Operação Padrão", levando em conta rigorosamente todos os itens de segurança indicados pelas companhias, o que, na prática, acaba por atrasar as operações. Para se saber o que isso significa, um maquinista, para cumprir o regulamento tem que executar 157 funções, que normalmente não são obedecidas. Esta reação reflete o resultado decepcionante da reunião do CISE (Conselho Interministerial de Salários das Estatais) que rejeitou o PCS já anteriormente negociado entre as companhias estatais e os trabalhadores.

Com esta postura de intransigência e truculência, demonstrada especialmente pela

ocupação militar de alguns pontos estratégicos como em Barra do Pirai, o governo tenta, segundo o ministro Ronaldo Costa Couto, implantar uma nova forma de encarar os movimentos grevistas no país: — "A ordem é moderação, mas com muita firmeza". Ao que se poderia perguntar: o que tem mudado desde a intervenção do Exército contra os barrageiros de Itaipu, contra os grevistas da Companhia Siderúrgica Nacional, os petroleiros e a própria intervenção policial em São Paulo contra os ferroviários que levou à morte um funcionário da CBTU? (Pedro de Oliveira)

(\*) A lei 4345/64 suprimiu conquistas dos ferroviários, como pagamento de taxas de insalubridade, periculosidade e risco de vida, fixadas cada uma em 20% sobre o salário. A jornada de trabalho do pessoal de escritório foi ampliada de 6 horas para 8 horas sem qualquer compensação. Foi extinta a licença, a licença-prêmio. As férias foram reduzidas de 30 para 15 dias.



Uma das assembleias da greve no Rio de Janeiro

## VALE DO AÇO

## Terror contra operários

O tristemente famoso "Massacre de Ipatinga", em MG, em 1963, quando a PM fuzilou cerca de 80 operários da Usiminas em greve, não parece ser um fato isolado em relação aos trabalhadores da região do Vale do Aço. Pelo contrário, os fatos vão demonstrando existir uma continuidade na repressão aos operários das grandes fábricas ali instaladas.

É o que se viu agora com a prisão, tortura e assassinato dentro de dependências policiais de Nelson de Brito Rocha, operário da Acesita. Foi detido no dia 21 de janeiro sob suspeita de ter participado de

um assalto. Sem a mínima comprovação da suspeita e sem qualquer antecedente criminal, Nelson passou a noite na cadeia pública de Coronel Fabriciano. No dia 22 foi levado para o Hospital Siderúrgica, onde chegou sem vida. Causa mortis, segundo a autópsia: traumatismo craniano. Na cabeça, braços e costas, fortes hematomas atestavam as brutalidades que sofreu na prisão, inclusive com o uso do "pau de arara".

Essa violência, provocou imediata revolta em toda a população da região. Na cidade de Timóteo, onde está localizada a Acesita e onde Nelson



Nelson, uma das várias vítimas

GREVE DO FUNCIONALISMO/SP

"Culpa é do Quércio"

Descontente com o índice de aumento do governo, o funcionalismo estadual de São Paulo decretou na quarta-feira, dia 10, greve geral por tempo indeterminado. Apesar dessa manifestação de revolta dos servidores, no mesmo dia os deputados aprovaram na Assembléia Legislativa o projeto do governador Orestes Quércio, que fixa um reajuste de 70%. A categoria reivindica 144,31% de reposição mais 15% de aumento real.

ção da greve geral agora saem do isolamento.

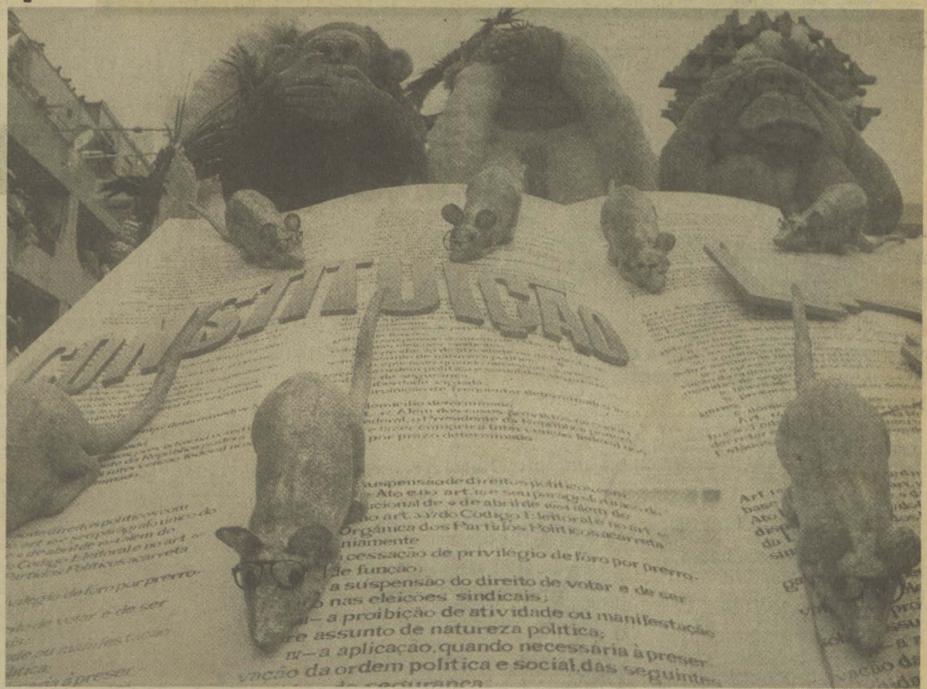
Na avaliação do "Grupo dos 19", a greve dos servidores estaduais tende a crescer como bola de neve nos próximos dias. Alguns setores menos mobilizados realizam assembleias nessa semana para aderir ao protesto. É o caso dos funcionários da saúde. No final do ano passado, o setor parou e obteve importante vitória salarial. Além disso, sofreu forte repressão. "Esses dois fatores dificultaram a participação do pessoal nessa luta unificada", explica Carlos Frederico, o Fred, presidente da Associação dos Servidores da Sucen (Supervisão de Controle de Endemias). Mas ele garante que o descontentamento no setor é grande, "o reajuste do final do ano já foi corroído", e a tendência é de adesão à greve geral.

Mesmo nos dois dias que antecederam o carnaval, o aumento do número de grevistas evidenciava o vigor do protesto. O movimento atingiu várias escolas do interior paulista e da capital, além do Hospital do Servidor — que conta com 5.500 funcionários. Um balanço parcial indicava que 60% dos professores da rede oficial de ensino já haviam aderido à paralisação — segundo a Apeoesp (Associação dos Professores).

PIOR PROJETO

Conforme explicam as lideranças do funcionalismo, "o principal culpado pela greve é o governador Quércio". Seu projeto é considerado um dos piores dos últimos anos. Ele traz embutido um início de reforma administrativa que retira direitos conquistados pelos servidores em importantes batalhas. Ao instituir um piso de Cz\$ 13.200,00, o projeto nivela por baixo os salários de funcionários que têm de um a 25 anos de trabalho, pois não considera promoções, quinquênios e outras vantagens adquiridas pela categoria.

Além disso, o projeto enquadrará na mesma faixa salarial funções e cargos completamente distintos; altera as carreiras existentes no setor; e institui pela primeira vez um reajuste menor para os aposentados. Quanto ao reajuste proposto, de 70% em média, ele representa um forte archo nos salários. Segundo um estudo do Dieese (Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas Sócio-Econômicas), no último ano a inflação atingiu 400%. Descontados os quatro gatilhos salariais que o funcionalismo recebeu nesse período, seriam necessários 144% de reposição mais 15% de aumento real para compensar as perdas salariais recentes.



Um carro alegórico do Salgueiro critica a tentativa de fazer uma Constituição retrógrada, digna dos ratos.

CARNAVAL

Sai Ney eu vou passar

"Sai, Ney: eu não agüento mais". O desabafo, inscrito num boneco carregado por um folião durante o desfile das escolas de samba do Rio, concentra em boa medida o sentimento do carnaval deste ano. Mais uma vez, e desta provavelmente com mais força que nos anos anteriores, os temas políticos ganharam as avenidas, com presença dominante nos sambas-enredo, alegorias e fantasias das escolas e blocos carnavalescos. Sem deixar de pular, o povo expressou seu repúdio ao atual governo, ao "centrão", à dívida externa, marajás, racismo e outras chagas do regime. Talvez por isto — e certamente temendo inevitáveis vaias — José Sarney e outros políticos de baixa popularidade preferiram não aparecer em público, deixando vagos — ou cedendo a outros — seus assentos nos camarotes do sambódromo da rua Marquês de Sapucaí.

As frases que desfilaram com as escolas ("o povo não é bobo", da Mocidade Independente; "violência é ter que engolir a bomba do Rio centro e

o povo dever o que não gastou", da São Clemente; "que os Odóricos da vida não subam mais a rampa do Planalto", da Unidos da Ponte; "fora FMI, reforma agrária, estabilidade no emprego, diretas já" do Império Serrano), deram a medida do descontentamento que sambou pelas avenidas.

Em São Paulo, a escola de samba Flor de Vila Dalila indagava no samba "Nova República me engana que eu gosto": "reforma agrária cadê?/ o índio está cansado de sofrer/ o leão virou hiena preocupado com a nação/ marajá de bolso largo/ nem abala o coração", clamando no refrão: "me arrepiá essa tal democracia/ acorda meu Brasil". Já a Imperador do Ipiranga, com o enredo "Sonha Brasil", destilava indignação: "porque só você tem mordomia/ gasta grana de montão/ enquanto outros vivem/ sem tostão. Ah! seu doutor, seu doutor/ eu quero tudo que você me prometeu/ você falou eu acreditei/ até agora nada aconteceu".

O protesto também teve lugar contra o racismo no rastro da comemoração dos 100 anos de abolição. Foi o enredo da campeã carioca, Unidos de Vila Isabel, bem como da tradicional Mangueira, vice-campeã, que perguntava — "onde está a liberdade, onde está que ninguém viu?" — e assinalava — "a Lei Áurea tão sonhada, há tanto tempo assinada, não foi o fim da escravidão".

Em Alagoas, o bloco "Meninos da Albânia" contou com 2 mil integrantes nas duas vezes que desfilou (dias 7, domingo, no banho de mar à fantasia, e 12, na abertura do carnaval) com o enredo "Xô Sarney" e "a galera inteira cantando/ xô, xô, imperador de jaquetão/ você vai sair correndo/ batendo o pé no chão/ e a gente vai deixar/ você sentar no Maranhão".

Com muita justiça, sobrou também para a Rede Globo de Televisão, que monopolizou as transmissões dos desfiles no Rio. A emissora foi imensamente vaiada; toda vez que era citada por um incauto, sobejavam apupos.

ONDA CRESCENTE

O funcionalismo estadual de São Paulo conta com cerca 600 mil trabalhadores. Antes mesmo da assembleia geral da categoria, alguns setores já haviam paralisado suas atividades para pressionar os deputados — inclusive os funcionários da Assembléia Legislativa. Os servidores da Secretaria da Fazenda foram os primeiros a cruzar os braços, parando o órgão pela primeira vez na sua história. A represália das chefias e a presença ostensiva da PM nestes estabelecimentos não intimidaram os grevistas, que com a decreta-



Assembléia do funcionalismo decidiu pela greve por tempo indeterminado

AERONAUTAS

Pode sair nova greve

A resposta patronal à greve dos aeronautas foi violenta: somente a VASP - Viação Aérea São Paulo — demitiu 30 pilotos e 35 comissários, dentre os quais dez dirigentes sindicais. A nível nacional, a diretoria do Sindicato dos Aeronautas, reunida na última quinta-feira no Rio de Janeiro, organiza as formas de luta para reverter as represálias e já programar a nova greve da categoria, em princípio marcada para o dia 9 de março. A Varig, por seu turno,

também retaliou os grevistas, demitindo 13 pilotos, entre eles o presidente do Sindicato Nacional dos Aeronautas, José Caetano Lavoratto. O Tribunal Superior do Trabalho estará reunido no próximo dia 22, segunda-feira, para julgar a legalidade do movimento que começou sexta-feira e durou 72 horas.

A categoria dos aeronautas está exigindo o que o TST decidiu em reunião do dia 16 de dezembro do ano passado, quando entre outras coisas de-

terminou o pagamento em dobro das horas de voo cumpridas aos domingos e feriados e o pagamento em um terço das horas de sobreaviso (em casa) e de reserva (nos aeroportos). Além disso, os aeronautas reclamam 65,15% de reajuste, a título de reposição salarial.

Rodolfo Grissi, diretor do sindicato nacional, declarou, a propósito da intensa campanha desfechada pelas empresas na TV e nos principais órgãos de imprensa do país no sentido de desmoralizar a categoria, que "faz parte de um plano para distorcer a verdade sobre a greve". Segundo Grissi, "são falsos os valores publicados dos salários dos pilotos da empresa. As quantias que a Varig menciona são efetivamente recebidas por apenas 2,5% do total de seus pilotos. O piso salarial destes profissionais, tanto da Varig, quanto na Vasp, é de Cz\$ 100 mil, em média". Reconhecida mundialmente como uma das empresas com alta lucratividade no setor, a Varig, por exemplo, se coloca numa posição intransigente que força os aeronautas a continuar a luta por seus direitos.



Aeronautas decretam greve: patrões apelaram para a mentira

Estude o marxismo-leninismo

Table with 4 columns: Author/Title, Price, Description, and Price. Lists books like 'LÊNIN Biografia (vol. encadernado)', 'MARX E ENGELS Biografia de Marx', and 'Estude o marxismo-leninismo'.

Endereços: Rua Adoniran Barbosa, 53 — Bela Vista — São Paulo - SP — CEP 01318 — Telefone: 36-7531 (DDD 011) — Telex: 1132133 TLOBR. Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira. Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Olívia Rangel, Bernardo Joffily. ACRE: Rio Branco: Edifício Felício Abrahão, 2º andar, sala 32 — CEP 69900. ALAGOAS — Arapiraca: Pça. Luís Pereira Lima, 237 Sobreloja CEP 57000. Maceló: Rua Cincinato Pinto, 183 — Centro — CEP 57000. AMAZONAS — Manaus: R. Simon Bolívar, 231 (ant. Pça. da Saudade) — Caixa Postal 1439 — Rua João Pessoa 53, São Lázaro. Fone: 237-6644 — CEP 69000. BAHIA: Camaçari: R. José Nunes de Matos, 12 — CEP 42.800. Feira de Santana: Av. Sr. dos Passos, n.º 1399 — 2º andar — sala 1415 — CEP 44100.

Itabuna: Av. do Cinquentenário, 928 1º andar sala 1 — Centro — CEP 45600. Itapetininga: Av. Santos Dumont, 44 1º andar Centro. Juazeiro: Rua Américo Alves, 6-A CEP 44060. Paratinga: Rua Marechal Deodoro, 30 Centro CEP 47500. Salvador: R. Conselheiro Junqueira Ayres, 41 — Barris — CEP 40000. Simões Filho: Praça 7 de setembro (prédio da ant. Cimesf) — CEP 43700. DISTRITO FEDERAL: Brasília: HIGS Bloco G Casa 67 — CEP 70302 — Telefone 225-8202. CEARÁ — Fortaleza: Av. Tristão Gonçalves, 789 CEP 60000. Iguatú: Pça. Otávio Bonfim, s.n. Altos — CEP 63500. Sobral: Av. Dom José, 1236 sala 4 CEP 62100. ESPÍRITO SANTO — Cachoeiro do Itapemirim: Pça. Gerônimo Monteiro, 89 sala 2 Centro — CEP 29300. Vitória: Rua Prof. Baltazar, 152 CEP 29020. GOIÁS — Goiânia: Rua 3, n.º 380 casa 6 CEP 74000. Anápolis: Rua 14 de ju-

Tribuna Operária

lho, 821 Centro — CEP 77100. MARANHÃO — São Luis: Rua Osvaldo Cruz, 921 Centro Fone: 221.5440 CEP 65000. MATO GROSSO — Cuiabá: Rua Copeland Costa, 548 Fundos CEP 78030 — Fone 321-5095. MATO GROSSO DO SUL — Campo Grande: Rua Maria Madalena, 5 CEP 79010. MINAS GERAIS: Belo Horizonte: Rua Padre Belchior, 285 Centro — Fone 224-7605 — CEP 30000. PARÁ — Belém: Rua Manoel Barata 993 CEP 66000. PARAIBA — João Pessoa: Pça. 1817 n.º 116 2º andar Centro CEP 58020.

Campina Grande: Praça da Bandeira, 117 1º andar Centro CEP 58100. PARANÁ — Curitiba: Rua Saldanha Maranhão, 370 2º andar CEP 80000 Fone: 222-9120. Londrina: Rua Sergipe, 984 sala 206 2º andar CEP 86100. PIAUÍ — Teresina: Rua Desembargador Freitas, 1459 Fone: 222.2044 CEP 64000. PERNAMBUCO: Cabo: Rua Vigarão Batista, 236 CEP 54500. Garanhuns: Rua Dantas Barreto, 5 sala 1 Centro CEP 55300. Recife: Rua do Sossogo, 221, Boa Vista CEP 50750. RIO GRANDE DO NORTE: Natal: Rua Jundiá, 420-A CEP 59000 — Cid. Alta

gre: Rua Vig. José Inácio, 687 3º andar CEP 90020. Caxias do Sul: Rua Bento Gonçalves, 2049 CEP 95100. Canoas: Rua Tiradentes, 130 sala 405 CEP 92100. Cruz Alta: Rua João Manoel, 433 CEP 98100. Pelotas: Rua Tiradentes, 2394 1º andar CEP 96010. Santa Maria: Rua Mal. Floriano Peixoto, 1357 Fundos — CEP 97100. Novo Hamburgo: Rua Lucas de Oliveira, 96 sala 6 CEP 93510. Rio Grande: Rua Gal. Vitorino, 746-A CEP 96200. RIO DE JANEIRO — Rio de Janeiro: Rua 1º de Março, 8 2º andar Fone: 252-9935 CEP 20000 — Niterói: Av. Amarel Peixoto 370 sala 808 Centro — CEP 24000. Duque de Caxias: R. Nunes Alves, 40 sala 101 CEP 25000. Nova Iguaçu: Trav. Renato Pedrosa, 38 sala 319 CEP 26000. SANTA CATARINA — Florianópolis: Pça. XV de Novembro, 21 sala 705 Caixa Postal, 1231 CEP 88075. SÃO PAULO — São Paulo: Rua Condessa de São Joaquim, 272 Fone 277-

322 CEP 01318 Bela Vista. Americana: Av. Dr. Antônio Lobo, 281 sala 6 CEP 13470. Botucatu: R. Armando de Barros, 817 1º andar sala 2 CEP 18600. Campinas: Rua Senador Saraiva, 448 Fone 2-6345 CEP 13100. Marília: R. Dom Pedro 180 CEP 17500. Osasco: Rua Ten. Avelar Pires de Azevedo, 20 2º andar, sala 12 CEP 06000. São Carlos: Av. São Carlos, 2119 Caixa Postal 533 CEP 13560. Taubaté: Rua Anísio Ortiz Monteiro, 41 CEP 12100. São José dos Campos: Rua Vilaça, 195 1º andar sala 19 CEP 12200. Guarulhos: R. Pe. Celestino, 42 sala 8 2º andar CEP 12200. SERGIPE — Aracaju: Rua Itabaiana, 145 sala 104 CEP 49010. A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, Past-up, Fotolitos e Impressão: Cia. Editora Jorúés. (Fone: 815-939) São Paulo SP.

# Festa e luta em Maceió

O VII Seminário Nacional do movimento Viração, realizado em Maceió de 3 a 7 deste mês, superou as expectativas mais otimistas e será, sem dúvida, um marco na história da corrente. Durante os cinco dias do encontro, foi admirável o entusiasmo da juventude universitária em participar das discussões sobre os problemas da universidade brasileira, as questões de educação e cultura, a situação política e a crise nacional e internacional, e as lutas que o movimento estudantil desencadeará este ano.

Eram ao todo mais de 1.000 participantes, entre viracionistas vindos de todos os estados, debatedores e delegações internacionais do Canadá e de Portugal. Nem mesmo as dificuldades financeiras para passagens e alimentação atrapalharam a organização do seminário — primeira grande atividade da Viração após o Congresso da UNE. A maciça participação fez com que, na abertura, a ex-presidente da UNE, Gisela Mendonça, afirmasse sob aplausos: "Quem pensava que a Viração fosse recuar ou desanimar depois daquele congresso, caiu do cavalo. E aqui está a prova: o movimento está mais vivo, forte e disposto do que nunca."

## 1000 estudantes, no melhor encontro da tendência

Numa avaliação geral, o que mais chamou a atenção foi o excelente nível dos debates durante todo o seminário. Os viracionistas mais veteranos eram unânimes em afirmar que, comparado com outros encontros da tendência, o seminário de Maceió foi o que alcançou o melhor nível de discussões e resoluções. Os delegados internacionais também não esconderam o entusiasmo com o estágio em que se encontra a discussão política e ideológica dos estudantes da Viração.

Outro ponto que, segundo o coordenador-geral da Viração eleito, Augusto Madeira, tornou-se um fato novo positivo foi a intensidade das discussões sobre o socialismo. "O interesse em debater o socialismo chegou a surpreender. A juventude da Viração abordou persistentemente a necessidade de realizar a transformação radical do sistema econômico para resolver problemas graves do país, como a educação e o atraso social." Para que a discussão sobre o socialismo chegasse a este ponto, foi muito importante a participação e o testemunho dos delegados internacionais. Eles relataram experiências de seus países e demonstraram a unidade in-

ternacionalista do socialismo científico.

A abertura, no dia 3 à noite, já contou com mais de 80% dos delegados. Foi um ato de muita vibração. As palavras de ordem que unificam o estudante brasileiro e que tornaram Viração uma corrente forte e respeitada foram gritadas durante todo o ato.

## Gisela denuncia: correntes sectárias boicotam nossa luta

No dia 4, já de manhã cedo, começou o primeiro debate, sobre o movimento estudantil brasileiro. Aldo Rebelo, um dos reorganizadores da UNE no final da década de 70, e presidente da entidade no período 80/81, e Gisela Mendonça, presidente na gestão 86/87, fizeram em suas exposições, um apanhado da atuação da corrente no movimento estudantil nos últimos anos, e da situação atual das lutas dos estudantes. Aldo discutiu a trajetória da Viração enquanto esteve à frente da UNE, ressaltando as conquistas, as mobilizações, a luta pela anistia e pela redemocratização do país, a reconquista da legalidade da UNE, a retomada do terreno onde ficava a sede histórica da entidade na Praia do Flamengo, a participação na campanha por "diretas-já" em 84 e muitas outras vitórias. Gisela abordou a questão da divisão no movimento estudantil, patrocinada por grupos sectários, e o aprofundamento desta divisão no último congresso da UNE. E denunciou: "Desde o tempo do Aldo essas mesmas correntes que tomaram a UNE usam um discurso aparentemente radical da boca para fora, mas na prática boicotam as lutas estudantis e só querem saber de suas próprias ambições partidárias e eleitorais."

Ao longo do seminário, as denúncias de partidarização da entidade máxima dos universitários iriam se multiplicar, partindo das várias delegações dos estados. Elas fizeram seguidos relatos em que acusavam diretores da entidade, por exemplo, de omissão e até boicote às lutas estudantis que não atendem aos apetites das correntes petistas. Wladimir, diretor da UEE do Rio, denunciou que diretores da UNE estão realizando reuniões paralelas à UEE, "e só convidam gente ligada ao PT para fazer estes encontros escondidos".

## A massa repudia os olheiros enviados pela direção da UNE

A direção partidarizada da UNE chegou ao ponto de fazer provocações ao próprio se-

minário, que geraram críticas, indignação e piadas, pelo baixo nível. Primeiro, grupos de diretores do DCE da Universidade Federal de Alagoas (ligados aos dirigentes da UNE) fizeram pichações nos muros do ginásio do CEPA, onde se realizou o seminário, com frases de caráter fascista e ameaças de violência. Como se não bastasse, a direção da UNE deu-se ao luxo e ao desperdício de mandar a Maceió três diretores para servirem de "olheiros" no seminário, gastando dinheiro da entidade com passagens e estadia. Quando isso foi denunciado no plenário, houve vaias e comentários de que "isso é falta de vontade de trabalhar, é vontade de fazer turismo com dinheiro da UNE".

Apesar das provocações, que logo foram rechaçadas, o seminário prosseguiu sem problemas. À tarde do dia 4, reuniram-se diversos grupos de estudo, para discussões sobre as áreas de atuação da Viração no movimento estudantil. Discutiu-se o trabalho da corrente nas entidades de base, os encontros de área, a organização da Viração a nível nacional e nos estados, a política a ser executada em relação à atual diretoria da UNE e outras questões relativas a esporte e a cultura.

## Estrangeiros falam da exploração em seus países

E na noite do dia 4 foi realizada a plenária internacional, com exposições e debates dos estudantes com as delegações dos partidos marxistas-leninistas de outros países. Flora Silva, de Portugal, e Philippe Saint-Laurent, do Canadá, mostraram que em seus países existem também exploração do trabalhador, miséria e marginalidade. O representante canadense contou episódios a respeito do sectarismo das correntes trotskistas no Canadá, mostrando que aqui e lá a prática desses grupos é a mesma.

O dia 5, terceiro dia do seminário, foi rico em debates do mais alto nível, com figuras de renome nacional discutindo com os estudantes da Viração as questões que estão na ordem do dia da educação brasileira. Pela manhã, o professor Jacques Veloso, da Universidade de Brasília e Horácio Macedo, reitor da Universidade Federal do Rio, abordaram em profundidade os problemas mais graves do ensino superior no país e suas consequências. O professor Veloso, ao falar sobre as verbas para as universidades públicas, desmascarou as teses defendidas pelo atual ministro Hugo Napoleão, de que "o universitário brasileiro consome verba demais", pretexto para a tentativa de privatização do ensi-



"Quem pensou que a Viração ia recuar, caiu do cavalo", diz Gisela ao abrir o seminário.

no. O Brasil, lembrou Veloso, é a décima economia do mundo, mas está abaixo do 70º lugar em investimentos no setor Educação. Isso significa que educação não é nem nunca foi prioridade para os governos brasileiros.

Ele denunciou ainda que "a política do MEC hoje é a mais reacionária que se tem conhecimento. É a política que a ditadura militar tentou e não conseguiu implantar, uma verdadeira ofensiva em favor do ensino pago e contra a escola pública". Depois defendeu as bandeiras históricas levantadas pelos setores conseqüentes do movimento estudantil brasileiro: mais vagas nas universidades públicas, luta contra a privatização, implantação dos cursos noturnos, verbas públicas só para as instituições do Estado.

## "Cabe ao estudante construir o ensino progressista"

O reitor da Federal do Rio, Horácio Macedo, abordou a democratização do ensino brasileiro como meta fundamental da luta dos estudantes, professores e funcionários. Relatou a experiência democrática de sua instituição (ele foi eleito pelo voto direto dos membros da universidade) e falou com entusiasmo da importância do movimento estudantil na difusão de idéias avançadas e de projetos dentro das universidades. "Por mais que as classes dominantes procurem controlar o ensino superior, ele pode vir a ser um grande centro de contestação da estrutura injusta da nossa sociedade. E isso não se dará sem a participação organizada do movimento estudantil. Ele é o segmento que dentro da universidade tem condições de fazer avançar melhor as novas idéias, porque o estudante é

mais liberto das questões corporativas e pensa na universidade.

Macedo reforçou as denúncias de Veloso contra a política do MEC e abordou de forma ampla os escândalos de fraudes nos exames vestibulares. "As fraudes são uma parte, agora visível, da deformação e da crise. Não se poderá fazer nada de produtivo contra elas enquanto não se puder aumentar as vagas nas escolas públicas."

A tarde foi dedicada ao debate cultural. O cineasta Sílvio Tendler, autor de "Jango" e "Os anos JK" afirmou que também do ponto de vista da cultura progressista "a universidade é um espaço que precisa ser inteiramente aproveitado". Lembrou a experiência dos CPCs da UNE nos anos 60, e falou sobre seu próximo filme, resgatando os últimos 20 anos da vida nacional.

## O seminário debate cultura popular, abolição e CPC

Em seguida, o historiador e escritor Clóvis Moura abordou os aspectos da cultura popular nacional desde o Brasil-colônia aos dias de hoje, dando ênfase especial à cultura negra como elemento formador da nossa nacionalidade. Denunciou o colonialismo cultural através dos meios de comunicação e questionou a "abolição" que completa 100 anos sem que os negros brasileiros tenham se livrado dos preconceitos. Ainda na sexta-feira o governador Fernando Collor esteve no seminário e foi aplaudido quando denunciou a política de retaliação do governo Sarney contra os governadores que defendem eleições para presidente em 88.

No sábado, dia 6, houve lazer pela manhã. À tarde, nem o sol maravilhoso de Maceió tirou os estudantes do debate sobre conjuntura política e econômica nacional. A palestra do deputado Aldo Arantes (PCdoB-GO) foi acompanhada atentamente, e o debate foi intenso. Aldo tratou a luta dos setores progressistas junto com o PCdoB na Constituinte. A seguir, abordou com detalhes a atuação do "Centrão" e do governo Sarney, e pregou a necessidade do movimento estudantil se mobilizar mais para barrar, junto com outros segmentos populares, os projetos direitistas.

## Após a homenagem a Gábio, é eleita a coordenação

Na noite de sábado, o ato de encerramento do seminário lotou completamente o ginásio do CEPA. O ato foi aberto com uma homenagem póstuma da Viração ao bravo militante estudantil Gábio José de Araújo, ex-diretor da UNE na última gestão, membro do PCdoB e liderança respeitada entre os estudantes de todo o país. Gábio, que morreu em dezembro último de câncer, foi lembrado com saudade pelos companheiros, num clima de emoção. Sua mãe, dona

Geralda, esteve presente, e sua ex-companheira, Ieda, lembrou o exemplo de luta de Gábio, que "incentivará os companheiros da Viração a, como ele, seguirem lutando mesmo na adversidade".

Estiveram presentes os deputados do PCdoB Aldo Arantes e Eduardo Bomfim, Ênio Lins, presidente do diretório regional do PCdoB em Alagoas, e Sérgio Barroso, primeiro-secretário da CGT, além dos delegados estrangeiros e de representantes da UJS.

Depois de feito um apanhado geral das discussões e propostas aprovadas, que resultaram num manifesto da Viração a todo o movimento estudantil brasileiro, foi eleita a nova coordenação nacional da Viração, encabeçada por Augusto Madeira, da Universidade Federal de Pernambuco. Os demais componentes são: Gisela Mendonça (Federal de Minas), Ângela Soares (Universidade de Brasília), Jeanine Pires (Federal de Sta. Catarina), Victor Palmeira (Federal de Alagoas), Altamar Lima (Federal Fluminense), Horácio Santos (Católica de Goiás) e Luiz Henrique (Federal de Sta. Catarina).

E no domingo, com o sol a pino, o pessoal da Viração foi em peso à praia de Pajuçara, onde acontecia o tradicional banho de mar à fantasia, com desfile de blocos de carnaval. Os viracionistas juntaram-se com o bloco "Meninos da Albânia", o maior da cidade, que pedia diretas em 88 e "Xô, Sarney".

Satisfeito com os resultados do seminário, Augusto Madeira disse que agora o movimento Viração "toma uma estrutura orgânica definida e parte para a formação das coordenações estaduais, para a produção periódica de boletins e de um jornal e para a criação do Centro de Estudos Honestino Guimarães. "Viração — afirmou Madeira — é hoje uma corrente de perfil definido, é a corrente identificada com o Partido Comunista do Brasil e que defende as bandeiras que unem o estudantado brasileiro. É, além disso, a corrente que lutará cada vez com maior disposição para recuperar a nossa entidade nacional e livrá-la dos aproveitadores sectários, afastando-a do oportunismo eleitoral."

"A Viração — prosseguiu o coordenador — vai puxar os calouros para lutar. Vamos avançar na luta pelo ensino público e gratuito para todos, por verbas públicas só para as escolas públicas contra os retrocessos nas conquistas do movimento estudantil, contra os aumentos abusivos nas escolas pagas." E destacou: "Não admitiremos que as mensalidades sejam cobradas em OTN."

Madeira concluiu, apontando as bandeiras políticas que o movimento levará às ruas a partir do início do ano letivo: "Vamos levantar bem alto a bandeira das diretas em 88 e lutar contra os projetos da direita, da UDR, da UBE e do Centrão. Vamos mobilizar os estudantes em defesa do parlamentarismo e da soberania nacional." (Plínio Lins, da sucursal de Maceió)



Muita combatividade num encontro que impressionou as delegações estrangeiras por suas discussões aprofundadas.